



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO**

JANAINA AIRES DA SILVA

**DAS METÁFORAS ÀS METONÍMIAS NOSSAS DE CADA DIA:
EXPRESSÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS**

MONTEIRO-PB

AGOSTO, 2014

JANAINA AIRES DA SILVA

**DAS METÁFORAS ÀS METONÍMIAS NOSSAS DE CADA DIA:
EXPRESSÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras com Habilitação plena em Língua Portuguesa, orientada pela Professora Noelma Santos da Universidade Estadual da Paraíba/Campus VI.

MONTEIRO
AGOSTO, 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Janaina Aires da
Das Metáforas às Metonímias nossas de cada dia [manuscrito] :
expressões semântico-discursivas em textos jornalísticos / Janaina Aires da
Silva. – 2014.57 p. : i

Digitado
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014
"Orientação: Profa. Ma. Noelma Santos, Departamento de Letras"

1. Metáfora. 2. Ubiquidade. 3. Reportagem. 4. Argumentação. I. Título.

21. ed. CDD 070.4

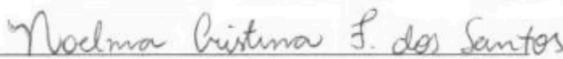
JANAINA AIRES DA SILVA

**DAS METÁFORAS ÀS METONÍMIAS NOSSAS DE CADA DIA: EXPRESSÕES
SEMÂNTICO-DISCURSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba/ Campus VI, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras com Habilitação plena em Língua Portuguesa, orientada pela professora Me. Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

Aprovada em 07 de agosto de 2014

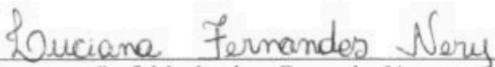
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
Orientador



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Examinador



Prof. Me. Luciana Fernandes Nery
Examinador

Monteiro

Agosto/2014

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e me ajudaram para que eu conseguisse realizar o meu maior sonho, àqueles que me ouviram, que me aconselharam, que encheram meu coração de esperança e confiança, que torceram e torcem por mim; o meu eterno reconhecimento pelo carinho e amizade de todos.

AGRADECIMENTOS

Ao concretizar meu maior sonho, lembro-me das muitas dificuldades que tive que vencer, dos momentos árduos, das perdas, das tristezas, das decepções, dos desânimos, mas também me lembro das muitas pessoas que me deram a mão para que eu não desanimasse, para que eu não ficasse no meio do caminho, a quem hoje demonstro meu reconhecimento, pois, esta conquista consolida-se com a contribuição de cada uma delas. No decorrer desses quase quatro anos, vocês colocaram uma pitada de amor, confiança e esperança para que neste momento findasse essa etapa tão importante e especial para mim. Por isso, de modo muito especial, agradeço:

A Deus, por ele ter me concedido força, perseverança e sabedoria para que eu conseguisse concretizar meu maior sonho, licenciar-se no curso de Letras-Português;

À minha orientadora Ms. Noelma Santos, pela amizade, confiança, sensibilidade, carisma, paciência, estímulo constante e competência que teve para orientar esta pesquisa;

À minha família, pelo incentivo, confiança, apoio incondicional, carinho que sempre me deram, principalmente, por eu ser a única da família a frequentar um curso de nível superior, especialmente, à minha mãe e ao meu irmão Jailton, os quais, diante da minha preocupação, quando recebi o resultado de aprovação no vestibular, com a questão financeira, foram os primeiros a confortarem meu coração ao dizerem: “Se depender da gente, tenha certeza, que você vai realizar seu sonho”;

Ao meu namorado, um grande incentivador, por ter aprendido a me entender e me aconselhar, mantendo meu coração mais sereno diante dos momentos árduos, não conheço palavras suficientes que possam expressar meu amor e admiração por ti;

À minha sogra pelo carinho, confiança e presença constante em minha vida;

A todos os meus professores, desde a minha infância até a graduação. Suas palavras de apoio e confiança foram importantíssimas para a formação da pessoa que sou hoje. Aos meus professores do Ensino Fundamental e médio, Flaviana, Dona Graça, Dona Socorro, Aroldo,

Lígia, Marcelo Dantas, Ivonete; quantas vezes eu cheguei à sala de aula desanimada por causa de alguns comentários maldosos sobre meu futuro, pessoas que me diziam que eu não ia conseguir sair da minha cidade para fazer um curso superior, e esses professores me alimentavam com palavras de estímulo e confiança. Aos meus professores da graduação, Adriana Gregório, Paulo Ávila, Amanda Freitas, Paulo Aldemir, Jordão Joanes, pela gentileza, delicadeza e confiança com que sempre me trataram, e, principalmente, ao meu querido professor e orientador, durante quase toda minha jornada acadêmica, Marcelo Medeiros, por ser um profissional tão competente e ter me estimulado à pesquisa, à produção científica durante minha caminhada na UEPB, fazendo-se sempre presente, desde o início. Vocês sempre estão e sempre estarão no meu coração, meus Mestres;

A todos os meus amigos, colegas da faculdade que sempre acreditaram na minha capacidade, pelas palavras de apoio, carinho e por sempre se fazerem presentes na minha formação, aliviando minhas horas de preocupação e me alimentando de certezas e alegrias;

A todos aqueles que um dia duvidaram da minha capacidade e me fizeram ficar triste, pois essas pessoas foram um dos grandes estímulos para que eu permanecesse na luta;

Por fim, obrigada a todos que, mesmo não estando citados aqui, contribuíram para a realização desse sonho que me alimenta todos os dias, todas as horas, todos os minutos.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” Salmos 103: 2.

As metáforas são um recurso natural de qualquer língua. Muitas não são aprendidas formalmente, e mesmo assim são adquiridas. Assim como aprendemos nossa língua materna antes de ir para a escola e de termos aula de português, as metáforas são usadas desde a mais tenra infância pelos pais ao falarem com seus filhos e até mesmo pelas crianças. (SARDINHA, 2007, p. 16).

RESUMO

Neste trabalho busca-se identificar e classificar as metáforas conceituais que aparecem nas reportagens jornalísticas sobre a copa do mundo 2014. Partimos da hipótese de que o recurso das metáforas e metonímias é uma estratégia discursiva de que se vale o jornal para explicitar a ideologia que o sustenta. No nosso caso, considerando a temática escolhida, as metáforas e metonímias encontradas marcam a posição dos jornais frente ao evento “copa do mundo”. Utilizamos como alicerce teórico, principalmente, os postulados teóricos de cunho cognitivista de Lakoff e Johnson (2002[1980]), os quais confirmam a forte ubiquidade da metáfora. O corpus foi constituído de três reportagens retiradas das Revistas Veja, Época e Isto é, entre os meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014. O resultado da pesquisa não só confirmou a hipótese levantada como também identificou a ocorrência de expressões linguísticas que atualizam tanto metonímias e metáforas ao mesmo tempo, quanto metáforas conceituais ontológicas, estruturais e orientacionais. As expressões metonímicas são utilizadas pelo autor da reportagem ou pela própria revista com o intuito de não se comprometer com o que está sendo veiculado; além disso, o uso das metáforas conceituais ontológicas (a personificação) deixa revelar que o autor teve a intenção de fazer com que o público aceitasse suas ideias, através da atribuição de características humanas às informações veiculadas.

Palavras-chave: Metáfora. Ubiquidade. Reportagem. Argumentação.

ABSTRACTO

En el presente trabajo intentaremos identificar y clasificar las metáforas conceptuales que aparecen en las noticias sobre la Copa del Mundo de 2014. Nuestra hipótesis es que el periódico tiene una ideología, por lo que las metáforas utilizadas se pueden presentar con el fin de persuadir y argumentar sobre una posición particular sobre el tema de la Copa del Mundo. Utilizamos como fundamento teórico, especialmente los postulados teóricos de Lakoff y Johnson (2002 [1980]), lo que confirma la fuerte ubicuidad de la metáfora. El corpus se compone de tres repostajes tomadas de la revistas *Veja*, *Época* e *Isto É*, entre el mes de diciembre de 2013 y enero de 2014. El Resultado de la búsqueda no sólo confirmó la hipótesis, pero también identificó la aparición de expresiones lingüísticas que actualizan tanto metonimias y metáforas mientras metáforas conceptuales como ontológicas, estructurales y orientacionales. Las expresiones metonímicas son utilizados por el autor del artículo o de la propia revista como para no comprometer con lo que está siendo transportada; Por otra parte, el uso de metáforas conceptuales ontológico (la personificación) hojas revelan que el autor pretende que el público acepte sus ideas, mediante la asignación de características humanas a la información transmitida.

Palabras clave: La Metáfora. Ubiquity. Informe. Argumento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1 Caracterizando o gênero reportagem	14
2.2 Dialogismo/ Vozes discursivas.....	16
2.3 Da metáfora: discursos críticos	18
2.4 Semântica cognitiva	20
2.5 Teoria da metáfora conceptual	21
2.5.1 Metáforas estruturais.....	24
2.5.2 Metáforas orientacionais.....	25
2.5.3 Metáforas ontológicas.....	26
2.6 Metáfora/Metonímia	29
3 METÁFORAS E METONÍMIAS EM REPORTAGENS SOBRE A COPA DO MUNDO	32
3.1 Contextualizando o corpus	32
3.2 Metáfora/metonímia	34
3.2 Metáforas ontológicas	38
3.2.1 A Personificação	38
3.2.2 A Objetificação.....	40
3.3 Metáfora estrutural.....	42
3.4 Metáforas orientacionais	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS.....	53
ANEXO 1.....	54
ANEXO 2.....	56
ANEXO 3.....	59

1. INTRODUÇÃO

Pelo fato de tantos conceitos, que são importantes para nós, serem ou abstratos ou não claramente delineados em nossa experiência (as emoções, as idéias [sic], o tempo etc.) precisamos apreendê-los por meio de outros conceitos que entendemos em termos mais claros (as orientações espaciais, os objetos etc.). (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.205).

Os estudos linguísticos sobre a metáfora voltaram-se por muito tempo para a presença de metáforas na linguagem literária. Nessa perspectiva, a metáfora era vista apenas com a função de ornamentar e embelezar o texto. Mas, no decorrer do tempo a metáfora passa a ocupar um importante papel no desenvolvimento dos estudos sobre a língua, encontrando-se bastante consolidada em nosso cotidiano.

Segundo Lakoff e Johnson (2002[1980], p.47-48), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. De acordo com alguns estudos desenvolvidos sobre a metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]; SARDINHA, 2007), ela é bastante usada na linguagem cotidiana, pois o pensar metafórico é inato ao ser humano. O uso das metáforas se dá através de expressões metafóricas que são condicionadas socialmente, uma vez que a cultura de uma sociedade pode influenciar decididamente na forma de criação e compreensão de metáforas.

Neste trabalho, utilizamos como base principalmente os postulados teóricos de cunho cognitivista de Lakoff e Johnson (2002[1980], p.48), os quais afirmam que “a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. [...] pelo contrário, *os processos de pensamentos* são em grande parte metafóricos” (itálico dos autores). Desse modo, fica claro que as metáforas estão fortemente infiltradas na vida cotidiana. Assim, de acordo com as ideias apresentadas por esses autores, podemos perceber que a metáfora não se restringe apenas a textos poéticos como por muito tempo se fez acreditar. Pelo contrário, ela encontra-se completamente disseminada nos mais diversos meios de manifestação linguística.

Assim, partindo do pressuposto de que podemos investigar nosso sistema conceptual através do estudo de expressões linguísticas usadas em nosso cotidiano, para entendermos e darmos sentido às coisas, é que nos propusemos a identificar e classificar quais metáforas conceptuais aparecem nas reportagens jornalísticas sobre a copa do

mundo 2014. Objetivamos analisar os efeitos de sentido das metáforas conceptuais encontradas nas reportagens a partir das vozes discursivas subjacentes ao uso das metáforas; identificar com que objetivos as expressões linguísticas metafóricas são utilizadas nos textos jornalísticos e interpretar em que medida as reportagens revelam a subjetividade do autor do texto ou da própria revista.

Nosso intuito com este trabalho é responder às seguintes questões de pesquisa: Quais metáforas conceptuais são utilizadas em reportagens sobre a copa do mundo 2014? Como as metáforas conceptuais revelam a subjetividade do autor da reportagem ou da própria revista? Quais os efeitos de sentido das metáforas conceptuais encontradas nas reportagens sobre a copa do mundo 2014? Para tanto, nosso corpus é constituído de três textos retirados das principais revistas de circulação nacional: *Época*, *Veja* e *Isto é*, entre o mês de dezembro de 2013 e janeiro de 2014.

Partimos da hipótese de que o recurso das metáforas e metonímias é uma estratégia discursiva de que se vale o jornal para explicitar a ideologia que o sustenta. No nosso caso, considerando a temática escolhida, as metáforas e metonímias encontradas marcam a posição dos jornais frente ao evento “copa do mundo”; também aventamos a hipótese de que, apesar de a reportagem jornalística apresentar como característica a neutralidade, o possível uso de expressões metafóricas pode revelar a subjetividade dos autores das reportagens ou da própria revista.

A fim de alcançar os objetivos pretendidos, adotamos como método principal deste trabalho a leitura, para localizar as metáforas presentes nos textos. Assim, podemos afirmar que a pesquisa caracteriza-se como descritiva e interpretativista, já que observamos, descrevemos e interpretamos as metáforas conceptuais presentes nas reportagens de acordo com o contexto em que elas são inseridas. Para isso, adotamos a perspectiva interpretativista abordada por Moita-Lopes (1994), segundo o qual os significados são construídos a partir da interpretação dos dados, definindo-se em função do objeto que será analisado. Nesse caso, o aspecto qualitativo é o mais relevante.

Esta pesquisa também se caracteriza como bibliográfica, uma vez que o corpus que foi analisado é material de acesso ao público (reportagens sobre a copa do mundo 2014). Segundo Prestes (2008), “A pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado.” (PRESTES, 2008, p.26).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, primeiramente, realizamos um levantamento das expressões metafóricas encontradas nas reportagens a fim de observar quais metáforas conceptuais estavam subjacentes às expressões linguísticas. Por fim, realizamos um trabalho de análise com o intuito de perceber com que objetivos as expressões metafóricas foram utilizadas nas reportagens sobre a copa do mundo 2014 e quais os efeitos de sentido revelados nos textos, considerando que as metáforas conceptuais podem ser usadas pelo autor da reportagem, revista com uma função argumentativa e persuasiva.

Com isso, acreditamos ser importante o estudo da metáfora, visto que esse fenômeno linguístico encontra-se fortemente difundido nas mais diversas manifestações linguísticas. Além disso, o uso da metáfora nos proporciona uma melhor compreensão sobre o mundo e sobre nós mesmos, uma vez que, através dela, conseguimos formalizar alguns conceitos abstratos de nossa vida, como, por exemplo, as emoções, as quais, geralmente, não podem ser expressas literalmente, já que não fazem parte da nossa experiência física, concreta¹. Sendo assim, as metáforas surgem para suprimir os limites da linguagem literal e oferecer possibilidades de falarmos dos nossos mais profundos sentimentos.

Propusemo-nos a identificar as metáforas conceptuais presentes nas reportagens sobre a copa do mundo 2014, porque esse assunto estava no auge das notícias, em decorrência de o Brasil, considerado o país do futebol, ter sido escolhido para sediar a copa do mundo 2014. Por um lado, há um orgulho disso, mas há quem reconheça os altos gastos que foram suscitados na organização do Mundial, considerando-se as limitações do Brasil, uma vez que se percebe grande precariedade na área de saúde, educação, transportes públicos etc. Dessa forma, observamos como os autores das reportagens e as revistas selecionadas para a análise de nosso *corpus* estavam se posicionando diante do assunto.

Quanto à organização estrutural, este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro apresenta uma breve caracterização do gênero reportagem, uma explanação sobre a teoria das vozes discursivas, na visão bakhtiniana, como também o percurso histórico da metáfora, desde uma visão tradicionalista até os estudos desenvolvidos a

¹ O interesse pelo tema abordado teve origem durante nossa participação, como bolsista, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No decorrer das nossas atuações em sala de aula, desenvolvemos uma sequência didática com o gênero crônica, tendo por objetivo estudar o referido gênero e observar quais as figuras de linguagem apareciam nos textos; como também analisar os efeitos de sentido desses recursos linguísticos para a construção textual. Dentre as figuras trabalhadas, a metáfora despertou nossa atenção.

partir da concepção cognitiva, interesse de estudo de nosso trabalho. Além disso, neste capítulo, ainda apresentaremos o conceito de metonímia e sua relação com a metáfora, visto que, assim como esta, aquela também se encontra fortemente presente em nossas ações cotidianas.

No segundo capítulo, inicialmente, expomos uma breve contextualização do corpus de nosso trabalho, para, logo em seguida, apresentarmos a análise das reportagens, com o levantamento das expressões metafóricas e metonímicas, levando em consideração os pressupostos teóricos que nortearam esta pesquisa.

Por fim, expomos as considerações finais, em que reconhecemos a possibilidade de encontrarmos metáforas em qualquer contexto social, em qualquer *corpus* e sobre qualquer tema.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Caracterizando o gênero reportagem

Nas mais diversas manifestações cotidianas, sejam orais ou escritas, estamos sujeitos ao uso dos gêneros textuais, uma vez que eles organizam nosso discurso e nos proporcionam a interação com o meio social em que estamos inseridos. Sendo assim, temos que estar atentos aos nossos objetivos comunicativos, pois a escolha dos gêneros não é aleatória. Ela é feita de acordo com situações sociais particulares. Portanto, os gêneros não devem ser vistos como modelos estanques, mas sim como formas de realizarmos linguisticamente nossos propósitos comunicativos e de interagirmos na sociedade.

Para Bakhtin (2003), os mais diversos campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem, e esses usos são diversos, uma vez que refletem as condições específicas de cada campo e por eles são determinados. Sendo assim, o autor afirma que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2003, p.262). Segundo o autor, a diversidade dos gêneros do discurso é infinita e se

apresenta nas mais diversas formas de manifestações linguísticas, sejam orais ou escritas, formais ou informais.

Bakhtin (2003) divide os gêneros discursivos em dois grupos: os primários e os secundários. Os gêneros discursivos primários se formam nas situações de comunicações mais imediatas e informais, como as cartas, os diálogos, a conversa telefônica; já os secundários estão relacionados a usos mais formais e complexos e surgem nas condições de um convívio cultural mais sistemático e organizado, como o romance, o discurso jornalístico e científico, entre outros.

O autor ainda afirma que quanto melhor temos domínio sobre um gênero tanto mais o empregamos com liberdade e descobrimos nossa particularidade no momento da comunicação; também podemos refletir sobre a situação comunicativa que estamos envolvidos e realizarmos de modo pleno nosso objetivo discursivo.

De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros textuais são textos materializados que encontramos diariamente em nosso cotidiano nas mais diversas situações comunicativas. Os gêneros se apresentam em grande variedade e podem ser classificados de acordo com seus aspectos estilísticos e funcionais. Ainda para o autor, no estudo dos gêneros é preciso dar uma atenção especial para a funcionalidade da língua e para os aspectos sociais e culturais do meio social, visto que os gêneros devem ser vistos como entidades dinâmicas.

Para esse autor, o discurso jornalístico se classifica como um domínio da atividade humana que pode dar origem a vários gêneros textuais. Já o jornal é classificado como um suporte convencional que acolhe uma diversidade de gêneros, dentre eles a reportagem, que é um gênero também comum com as revistas. A reportagem se classifica como um gênero pertencente ao domínio jornalístico, e pode ser caracterizado em duas linhas gerais: como uma notícia ampliada e como um gênero autônomo.

Bahia (1990 apud KINDERMANN 2003) caracteriza a reportagem como uma notícia ampliada e afirma que “toda reportagem é notícia, porém o inverso não.” (BAHIA, 1990, apud KINDERMANN, 2003, p.354). Para o autor, apesar de a reportagem derivar da notícia, ela possui regras e características próprias, que lhe conferem valor especial. Sendo assim, o autor assevera que a reportagem deve explorar todos os fatores envolvidos em determinado acontecimento, detalhando-os.

O autor divide a reportagem em três partes: título, que corresponde ao anúncio do acontecimento; primeiro parágrafo, cabeça ou *lead*, expõe os fatores mais importantes dos acontecimentos, e deve conter respostas aos seguintes questionamentos: o quê?

Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Por último, o autor aborda o desenvolvimento da história, que corresponde ao final da narrativa.

Melo (1985, p.65, apud KINDERMANN, 2003, p. 355) também define a reportagem como uma notícia ampliada ao conceituar notícia como “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” e reportagem como “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações.”

A reportagem ainda é considerada como um gênero autônomo. Segundo Lage (1979, apud KINDERMANN, 2003), a definição de reportagem não é tão simples, pois em alguns casos ela pode ser considerada uma complementação da notícia e em outros partir de acontecimentos que não se tornaram notícias, mas são de interesses do público. Assim, o autor divide a reportagem, do ponto de vista da produção, em três tipos: investigativo, parte de um fato e revela outros; interpretação, os fatos são analisados à luz de uma perspectiva metodológica de uma ciência; e ainda um último tipo, que procura perceber a essência do fenômeno.

2.2 Dialogismo/ Vozes discursivas

A língua não é estática nem homogênea, ela estabelece relações dialógicas em seus usos. Sendo assim, nossos discursos não são unívocos, visto que sempre os construímos com base no discurso do outro, em uma constante interação.

Importante destacar que esse diálogo entre os discursos não se reduz apenas à interação face a face, uma vez que, como coloca Bakhtin (apud FIORIN, 2006, p. 19), “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos.” Nesse sentido, no discurso de um enunciador estão sempre presente os discursos, as vozes de outrem:

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2006, p. 19).

Fiorin (2006) faz uma clara distinção entre unidades da língua (sons, palavras e orações) e enunciados (unidades reais de comunicação) com o intuito de mostrar que esses que são dialógicos. Para isso, o autor faz uma leitura da obra bakhtiniana, e mostra que a fonologia, a morfologia ou a sintaxe não conseguem elucidar os verdadeiros usos da linguagem, por isso, Bakhtin cria a translinguística que teria como objetivo investigar o dialogismo dos enunciados. Portanto, segundo Fiorin (2006, p. 21), “o que Bakhtin tinha em mente era constituir uma ciência que fosse além da linguística, examinando o funcionamento real da linguagem em sua unicidade e não somente o sistema virtual que permite esse funcionamento”.

Fiorin (2006) aborda algumas diferenças entre unidades da língua e enunciados, tais como: as primeiras não pertencem a ninguém, estão à disposição de todos, enquanto os segundos têm uma autoria e revelam um posicionamento; as unidades da língua são completas, neutras e não permitem respostas, já os enunciados estão carregados de emoções, juízos de valores e permitem respostas, ou seja, são dirigidos a alguém.

Tendo em vista o fato de que os enunciados são dialógicos, pode-se perceber que eles são constituídos por vozes que dialogam em um processo de construção de sentido. Portanto, um enunciado é sempre heterogêneo e revela duas ou mais vozes, posições que podem ser convergentes ou divergentes, polêmicas ou contratuais, de acordo ou de desacordo, pois, assim como a sociedade é múltipla e tem interesses diferentes, os discursos também se organizam no embate entre diferentes vozes sociais. (FIORIN, 2006).

Fiorin (2006) mostra duas maneiras de o enunciador incorporar a voz do outro em seu discurso: primeiro, citar o discurso alheio abertamente separado do discurso citante, fazendo uso do discurso direto ou indireto, das aspas ou da negação; segundo, introduzir o discurso sem separação clara do enunciado citante e do citado, exemplificado pela paródia, pela polêmica clara ou velada, pelo discurso indireto-livre.

Nessa incorporação das vozes de outrem, as relações sociais do sujeito vão atuar de forma decisiva na construção de sua subjetividade. Sendo assim, Fiorin (2006) afirma que, nesse processo, as vozes são assimiladas de diferentes maneiras e de forma persuasiva, pois os enunciados construídos pelos sujeitos possuem uma ideologia, visto que são repostas ativas às vozes sociais que são internalizadas.

Seguindo esta perspectiva dialógica dos enunciados, na análise das reportagens jornalísticas, selecionadas para nosso *corpus*, percebemos a presença de diferentes vozes no discurso, a voz dos representantes da Fifa, do governo brasileiro, do autor da

reportagem ou da própria revista, atuando em um mesmo contexto, portanto, os textos jornalísticos tornam-se um espaço de luta entre essas diferentes vozes sociais.

Os enunciados proferidos pelas diferentes vozes são organizados de forma dialógica, em uma relação de conflito, contradição, instaurando, assim, sentidos persuasivos na sociedade, os quais se relacionam diretamente com o contexto sócio histórico em que os enunciados são produzidos.

As vozes se apresentam nos textos de diferentes maneiras: ora de forma direta, em que se percebe claramente as vozes do governo brasileiro e dos dirigentes da Fifa, através do discurso direto, indireto e aspas; ora de forma velada, indireta, o que se pode perceber nos posicionamentos dos autores das reportagens ou da própria revista em relação ao assunto Copa do Mundo 2014, sendo este um meio utilizado pelas revistas para tentarem manter uma aparente neutralidade, e se precaverem contra possíveis censuras.

2.3 Da metáfora: discursos críticos

Durante a maior parte da tradição Ocidental, o mito do objetivismo dominou o pensamento da sociedade, uma vez que se acreditava no acesso a verdades absolutas sobre o mundo. A partir dessa ideia tradicional, defendia-se o uso da linguagem literal, como a única maneira de se chegar à verdade, repudiando assim a linguagem figurativa, considerada como um recurso que servia apenas para ornamentar e embelezar a linguagem. As metáforas, de acordo com essa tradição retórica iniciada por Aristóteles, deveriam ser evitadas, uma vez que a imaginação ou qualquer outro aspecto da subjetividade humana não deveria participar da construção do significado.

Essa visão tradicional da metáfora restringia seu uso apenas aos grandes poetas e escritores, os quais a usavam para melhor expressar e embelezar seus textos. Sendo assim, ela era vista apenas como um recurso figurativo que dava mais vida à linguagem.

Nas gramáticas, dicionários e enciclopédias, a metáfora tende a ser ilustrada com exemplos de textos e escritores consagrados. Isso é consistente com a visão de que essa figura é um recurso de estilo, de ornamento, que serve a tipos de expressão culturalmente prestigiados. (SARDINHA, 2007, p.22)

Assim, segundo essa visão objetivista, a metáfora era um desvio da linguagem literal, um recurso que tinha a única função de enfeitar a fala ou a escrita, portanto, seu uso deveria ser evitado quando desejasse falar das manifestações do cotidiano, uma vez que tudo poderia ser expresso e entendido sem uso de metáforas. Essas seriam usadas apenas como adornos para a linguagem literária, sendo consideradas desnecessárias, visto que, de acordo com essa concepção, o acesso à verdade e à falsidade seria possível apenas por meio da linguagem literal. Portanto, os gêneros presentes nas relações cotidianas deveriam fugir do uso das metáforas, principalmente os gêneros científicos. A partir dessa visão, a linguagem literal e a figurada passaram a ser vistas como dois polos diferentes.

Nesse período, a linguagem literal, ou denotativa, deveria retratar a realidade das coisas, e para isso era preciso apenas buscar seus referentes diretamente no mundo externo e atribuir-lhe valor de falsidade ou verdade. Já a linguagem figurada, ou conotativa, estava circunscrita ao mundo literário, ou seja, aos poetas, escritores, romancistas. Portanto, “a realidade nesta tradição pode ser mais bem entendida como sendo algo que independe da mente humana.” (BORBOREMA FILHO, 2004, p.57).

Percebe-se, assim, que o sentido literal estava relacionado à ideia de objetividade, clareza, precisão, sendo essa a única maneira de chegar à compreensão e ao conhecimento das coisas. Portanto, o sentido figurado não poderia ser utilizado, uma vez que, de acordo com a tradição ocidental, ele distorcia a realidade.

A ruptura com esse paradigma objetivista deu-se em 1970 quando passou a ser proposto o paradigma do cognitivismo. De acordo com Zanotto (1998), após essa virada paradigmática, a metáfora passou a ser reconhecida “como um importante instrumento de cognição, que desempenha um papel central nos nossos processos perceptuais e cognitivos.” (ZANOTTO, 1998, p.15). Assim, nesse contexto de transformações, o estudo sobre metáfora passa ser alvo de grande interesse entre os estudiosos, não apenas por linguísticos, mas também por psicólogos, literatos, filósofos, entre outros. No caso específico dos estudos da linguagem, a metáfora passou a ser um dos objetos de estudo da Semântica Cognitiva, considerada uma das subáreas da Linguística Cognitiva, sobre as quais faremos uma breve explanação na seção a seguir.

2.4 Semântica cognitiva

A semântica cognitiva, de acordo com Feltes (2007), tem sua trajetória ligada ao surgimento da linguística cognitiva, a qual se desenvolve a partir da oposição com a gramática gerativa, uma vez que essa semântica reconhece que a linguagem não é independente, como os gerativistas acreditavam. Sendo assim, a partir desses confrontos, a semântica foi ocupando um papel central nos estudos linguísticos.

Segundo Feltes (2007), a centralidade da semântica nos estudos da linguística cognitiva levou-a a ser confundida com a semântica cognitiva, em uma relação de superposição. Seguindo esse princípio, o autor afirma que uma das razões para essa confusão refere-se ao deslocamento contínuo em torno do significado e das funções comunicativas.

Tendo em vista essa relação entre linguística cognitiva e semântica cognitiva, Feltes (2007) cita Talmy (2000b) o qual se posiciona ao assunto da seguinte forma:

Embora o termo “linguística cognitiva” encontre-se agora bem estabelecido como um nome para uma tradição de pesquisa [...] referirei meu próprio corpo de trabalho como “semântica cognitiva”. A palavra “semântica” no novo termo tem a vantagem de indicar uma abordagem particular, a conceptual, dentro da qual esta pesquisa é baseada e a partir da qual considera as preocupações de outras abordagens da linguagem. A palavra fornece esta indicação porque [...] a semântica está especificamente preocupada com a organização conceptual da linguagem. (TALMY, 2000b, p.4, apud FELTES, 2007, 75).

Para Talmy (2000b apud FELTES, 2007), a pesquisa em semântica cognitiva gira em torno do conteúdo conceptual e sua organização na linguagem. Nessa perspectiva, o autor afirma que o objeto de estudo da semântica cognitiva são os fenômenos mentais qualitativos, tal como se encontra na consciência. O autor ainda coloca que só é possível ter acesso ao conteúdo da consciência através da introspecção, considerada um método científico para os estudos em semântica cognitiva.

Talmy (2000b) também ressalta que “os achados resultantes a partir da introspecção devem ser correlacionados com aqueles resultantes de outras metodologias,” (TALMY, 2000b, apud FELTES, 2007, p. 75) dentre as quais estão:

Análise de relatos introspectivos de outros sujeitos; Análise de discurso e corpora; Análise diacrônica e translinguística; Avaliação do contexto e da estrutura cultural; Técnicas observacionais e experimentais da

psicolinguística; Estudos em neuropsicologia; e Exames instrumentais de neurociência. (TALMY, 2000b, apud, FELTES, 2007, p.76).

Na semântica cognitiva o significado é central na investigação sobre linguagem. Segundo Junior e Basso (2013), ela “investiga a representação do conhecimento (estrutura conceitual) e a construção dos sentidos (conceitualização).” (JUNIOR; BASSO, 2013, p. 52). Sendo assim, considerando a diversidade de pesquisas na área, os autores citam alguns estudos distribuídos entre teoria e prática; categorização e léxico; cognição espacial; conceitualização e estruturação de espaço e movimento; metáfora, metonímia; filosofia da mente, poética cognitiva e estudos literários, entre outros.

Seguindo o princípio dos autores acima, conclui-se que a semântica cognitiva estuda os conceitos que estão em nossa mente, relacionando-os com nosso conhecimento de mundo, inferências, influência dos aspectos culturais e sociais, entre outros. Nessa perspectiva, ela se opõe à tradição gerativista, uma vez que essa dá prioridade aos aspectos formais, e centra-se apenas na sintaxe; também combate a concepção de que a linguagem é independente e mantém relação direta com a realidade externa.

2.5 Teoria da metáfora conceptual

O presente trabalho está desenvolvido a partir do paradigma cognitivo, que considera a metáfora essencial à compreensão humana. Autores como Lakoff e Johnson (2002[1980]), a partir da publicação, em 1980, da obra *Metaphors we live by*, traduzida para o português, em 2002, com o título *Metáforas da vida cotidiana*, descobriram que a metáfora possui grande valor cognitivo, não se restringindo, assim, apenas à linguagem, mas também sendo de fundamental importância na criação de novos sentidos na experiência cotidiana. Em outras palavras, esses autores defendem a tese de que a metáfora não seria apenas uma figura de linguagem, como por muito se fez acreditar, mas uma figura de pensamento de fundamental importância para a construção e interpretação das nossas ações.

Na visão de Lakoff e Johnson, “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.45). Para comprovar essa assertiva

eles citam o exemplo da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, em que o conceito de discussão é estruturado e entendido a partir do conceito de guerra, com ganhadores e perdedores, ataques e defesas, como podemos perceber nas expressões linguísticas: *Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação; Jamais ganhei uma discussão com ele; Suas críticas foram direto ao alvo; Ele derrubou todos os meus argumentos; Se você usar essa estratégia, ele vai esmagá-lo.* Já a partir desses exemplos, percebemos o quanto fazemos uso de metáforas no nosso cotidiano, embora na maioria das vezes não tenhamos consciência, já que elas estão incutidas na nossa realidade cotidiana, fazendo-nos utilizá-las de forma automática e inconsciente.

A evidência do uso da metáfora em nosso cotidiano se dá através das expressões linguísticas que utilizamos diariamente para falarmos de nossas experiências, desejos, sentimentos, enfim para realizarmos nossos objetivos comunicativos. Sendo assim, constatamos a importância de investigação desse fenômeno tão rico que é a presença das metáforas nas mais diversas manifestações linguísticas, pois, só assim conseguiremos explicitar quais metáforas conceptuais estão subjacentes às expressões linguísticas metafóricas e com qual finalidade elas são utilizadas. Nessa perspectiva, é necessário distinguirmos metáforas conceptuais de expressões metafóricas, visto que estas se referem às palavras, frase ou enunciados que utilizamos nas interações sociais para atingir determinados fins comunicativos, ou seja, elas concretizam a metáfora conceptual que está em nossa mente, enquanto aquelas se encontram subjacente a nossa própria linguagem em um domínio mais abstrato:

De acordo com a Teoria das Metáforas Conceptuais [...] a metáfora é um fenômeno cognitivo, que consiste na conceptualização de um domínio mental através de outro. Os autores estabelecem, assim, uma distinção entre metáfora ou metáfora conceptual, i.e., conjunto de correspondências sistemáticas entre dois domínios conceptuais (um domínio-fonte/-origem e um domínio-alvo/-objectivo) e expressões metafóricas, definidas como expressões linguísticas através das quais se manifesta a conceptualização metafórica subjacente e que são sancionadas por ela. (AMARAL, 2001, p. 245, apud FERRÃO, 2008, p. 06).

De acordo com Macedo; Farias; e Lima (2009), as expressões metafóricas apresentam grande diversidade, visto que os aspectos culturais da sociedade influenciam diretamente na sua construção e na sua transformação ao longo do tempo; já as metáforas conceptuais, segundo os autores, não apresentam flexibilidade tão intensa quanto às expressões linguísticas metafóricas.

Como mostram Lakoff e Johnson (2002[1980]), a metáfora é um conceito estruturado a partir de outro, sendo assim entendida como uma projeção entre um domínio fonte, que serve como ponto de referência para conceitos e terminologia, e um domínio alvo, aquele que é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo primeiro.

É importante ressaltar que para um domínio alvo podem ser utilizados vários domínios fontes, como podemos perceber nos exemplos abaixo:

AMOR É UMA FORÇA FÍSICA (ELETROMAGNÉTICA, GRAVITACIONAL ETC.) – Eu podia sentir *a eletricidade* entre nós./ Houve *faíscas*./ Eles sentem um pelo outro uma *atração* incontrolável./ Eles perderam *o ímpeto*./ Eles perderam *o fogo*.
AMOR É LOUCURA- Sou *louco* por ela/ Ela me faz *perder a cabeça*./ Fico *fora de mim* por causa do Harry/. Estou *louco* por ela.
AMOR É MÁGICO- Ela lançou *seu feitiço* sobre mim./ *A magia* passou./ Ela me *hipnotizou*./ Ele me mantém em transe.
AMOR É PACIENTE- Esta relação é *doentia*./ Eles têm um casamento *forte e saudável*./ O casamento está *morto*- não pode ser *ressuscitado*./ Nossa relação está *em pé* de novo./ Estamos *tomando pé* novamente.
AMOR É GUERRA- Ele é conhecido por suas inúmeras *conquistas* rápidas./ Ela *lutou* por ele, mas sua amante *venceu*. / Ele *fugiu* das *investidas* dela./ Ela *perseguiu-o incansavelmente*./ Ele *ganhou* a mão dela em casamento. (LAFOFF; JOHNSON, 2002[1980]), p. 113 a 115, itálico do autor e negrito nosso).

É possível também um único domínio fonte ser utilizado para explicar vários domínios alvos:

DISCUSSÃO É UMA CONSTRUÇÃO – “Se você não *alicerçar sua argumentação* com fatos sólidos, tudo irá ruir”.
TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES – “Sua teoria é *construída com reboco barato*”.
A VIDA É UMA CONSTRUÇÃO – “Agora *a vida* de uma outra jovem mulher *está em ruínas* depois de um ataque estarrecedor”. (KÖVECSSES, 2002, *apud* LIMA, 2008, itálico do autor e negrito nosso).

Ao saber que a metáfora está intimamente imbricada com a cultura da sociedade, e depende dela para ser compreendida, esses exemplos evidenciam que um mesmo conceito pode ser entendido de diferentes maneiras, uma vez que podemos entender ou vivenciar uma determinada experiência a partir de vários conceitos; além disso, mostram que as relações e ideologias de uma determinada cultura podem influenciar na forma como um conceito é definido, uma vez que alguns conceitos podem mudar de cultura para cultura. Sendo assim, “o grau maior ou menor de dificuldade na

compreensão da metáfora não depende do enunciado em si, mas de seu contexto de uso em situações concretas de leitura ou de comunicação.” (CANNOLA, 2000, p.59).

É importante deixar claro que as relações estabelecidas entre os domínios não projetam todas as características de um domínio fonte para o domínio alvo, visto que nas correlações feitas entre esses domínios só são utilizados os principais aspectos que possam contribuir para uma melhor compreensão do domínio alvo.

De acordo com os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (2002[1980]) as metáforas conceptuais são classificadas em três categorias diferentes: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Passemos, então, a apresentá-las.

2.5.1 Metáforas estruturais

As metáforas estruturais ocorrem quando estruturamos metaforicamente um conceito em termos de outro. Um exemplo disso seria a metáfora TEMPO É DINHEIRO, em que teríamos as expressões linguísticas: Você está *desperdiçando* meu tempo; Eu não *tenho* tempo para te *dar*; Como você *gasta* seu tempo hoje em dia; Você deve *calcular* bem o seu tempo; Eu *Perdi* muito tempo quando fiquei doente (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.50-51, itálico do autor).

Nesses exemplos, como podemos perceber, o conceito de tempo é entendido como algo valioso que não deve ser desperdiçado ou mal investido, assim como o dinheiro. Nesse sentido, é importante destacar que essas expressões metafóricas só podem ser compreendidas na cultura ocidental, uma vez que nessa o tempo (domínio alvo) é conceituado a partir do dinheiro (domínio origem), visto que em nossa cultura as pessoas passaram a serem pagas, pelo seu trabalho, por hora de serviço, as chamadas telefônicas a serem cobradas de acordo com o tempo gasto, as diárias de hotel, etc.

Vale salientar que em outras culturas o sentido dessas expressões pode não ser compreendido, visto que “essa maneira de conceber o tempo não se impõe de forma alguma como uma necessidade a todos os seres humanos; ela está ligada à nossa cultura. Há culturas em que o tempo não é pensado desse modo.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 51-52).

2.5.2 Metáforas orientacionais

As metáforas orientacionais, diferentemente das estruturais, não estruturam um conceito em termo de outro, mas organizam um sistema de conceitos com relação a outro, tendo em vista as experiências corpóreas. Elas têm relação com o campo espacial, tais como: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima – em baixo, fundo – raso. Lakoff e Johnson exemplificam essa metáfora com os conceitos FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO, a partir das seguintes expressões metafóricas: Estou me sentido *para cima* hoje; Meu astral *subiu*; Pensar nele sempre me *levanta* o ânimo; Eu *caí* em depressão; Meu ânimo *afundou*/ Estou *no fundo* do poço. (LAKOFF; JOHNSON, (2002[1980]), p.60, *italico do autor*). A partir dessas expressões percebemos como as metáforas são motivadas pelos nossos movimentos corpóreos, uma vez que postura caída está relacionada à tristeza e postura ereta à felicidade.

Nessas metáforas orientacionais, os valores culturais de uma sociedade estão intimamente relacionados com os conceitos metafóricos que a regem, sendo assim a questão cultural não pode se dissociada da questão espacial, uma vez que elas se relacionam na construção e compreensão do significado. Para confirmar tal assertiva, Lakoff e Jonhson (2002[1980]) expõem alguns exemplos:

“Mais é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. Menos é melhor não seria coerente com essas metáforas.

“Maior é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. “Menor é melhor” não seria coerente com essas metáforas.

“O futuro será melhor” é coerente com FUTURO É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. “O futuro será pior” não seria coerente.

“Haverá mais no futuro” é coerente com mais MAIS É PARA CIMA e FUTURO É PARA CIMA

“O seu status deverá ser mais alto no futuro” é coerente com AITO STATUS É PARA CIMA e FUTURO É PARA CIMA.

Esses valores estão profundamente enraizados em nossa cultura. “O futuro será melhor” é uma afirmação do conceito de progresso. “Haverá mais no futuro” aplica-se tanto ao acúmulo de bens como ao aumento de salários. “O seu status deverá ser mais alto no futuro” é uma afirmação da prioridade dada à carreira (“carreirismo”). Essas expressões são coerentes com as metáforas de espacialização que nós utilizamos hoje; os seus opostos não o seriam. Parece, assim, que nossos valores não são independentes, mas devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 71-72)

2.5.3 Metáforas ontológicas

Por último, temos as metáforas ontológicas. Essas são motivadas pela nossa experiência com os objetos físicos. Nelas, um conceito abstrato é transformado em entidades, objetos ou substâncias. Com exemplo, tem-se a ideia de mente que é vista como um objeto que pode parar de funcionar, quebrar, pifar, ser ligado e desligado. A metáfora conceptual A MENTE É UMA MÁQUINA é atualizada em expressões metafóricas que revelam o processo de coisificação realizado a partir da mente humana, a minha mente não está *funcionando* hoje; Estou um pouco *enferrujado* hoje; Ainda estamos *remoendo* a solução para essa equação. Já a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO, é atualizada a partir das expressões, o seu ego é muito *frágil*; a sua mente *pifou*; Eu estou *em pedaços*, nos permite pensar sobre a força da mente humana.

Essas metáforas, de acordo com Lakoff e Johnson, “não focalizam exatamente o mesmo aspecto da experiência mental” (2002 [1980], p. 80). Para justificar tão assertiva, os autores mostram que, quando uma máquina quebra, ela para de funcionar. Quando um objeto frágil se quebra suas partes ficam espalhadas. Já quando alguém fica fora de si e toma uma atitude agressiva ou violenta, diz-se *Ela explodiu*. Porém, se a pessoa ficar quieta e não apresentar nenhuma reação por razões psicológicas ou emocionais, possivelmente dizemos *Ela pifou*. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.80).

A metáfora de recipiente é um tipo de metáfora ontológica que utilizamos para demarcarmos nossas experiências com os objetos que estão ao nosso redor, vendo-os como tendo um lado de dentro e um lado de fora. Para exemplificar essa metáfora, Lakoff e Johnson (2002[1980]) utilizam como modelo uma banheira com água, em que tanto a água (substância recipiente) quanto a banheira (objeto recipiente) podem ser compreendidas como recipientes, apesar de serem de tipos diferentes.

Ainda em relação à metáfora ontológica, tem-se a personificação, que consiste em compreender atividades e entidades não humanas por meio de características do ser humano. INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO é um exemplo dessa metáfora, pois, quando dizemos “A inflação *atacou* o alicerce de nossa economia; A inflação nos *colocou contra a parede*; A inflação *ludibriou* as melhores mentes econômicas de nosso país; A inflação *deu a luz* a uma geração voltada para o dinheiro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 88, *italico do autor*), estamos conceituando e

compreendendo a inflação (domínio alvo) como se fosse uma pessoa adversária (domínio origem) que pode nos atacar, nos colocar contra a parede, ludibriar as pessoas, dar à luz etc. Sendo assim, conceituamos e entendemos uma entidade não humana (inflação) a partir de características humanas.

A partir dessa metáfora conceptual A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, considerada por Lakoff e Johnson como personificação, Espíndola (2011) faz algumas observações sobre tal assertiva. No exemplo *A inflação ludibriou as melhores mentes econômicas de nosso país*, a autora afirma realmente haver uma personificação, uma vez que são mapeadas características humanas do domínio origem (pessoa adversária) para o domínio alvo (inflação). Mas, no exemplo *A inflação está devorando nossos lucros*, Espíndola (2011, p.16) constata uma personificação não mais por humanização e sim por animalização, visto que “uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada (uso de características ou ações próprias de um ser vivo).” Com isso, a autora constata que, apesar da inflação ser tratada como uma entidade, a ação de devorar é uma característica própria dos animais e não do ser humano.

Seguindo esse mesmo raciocínio, ainda conceituamos outro tipo de metáfora, encontrado em nosso corpus, denominado por nós como objetificação. Estamos entendendo essa metáfora como uma forma de conceituar países, seleções de futebol como se fossem objetos que pudéssemos mover de um lugar para outro. Para exemplificar tal metáfora, utilizamos a metáfora conceptual SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO OBJETOS, atualizada em nosso *corpus* a partir das seguintes expressões linguístico metafóricas, “[...] o sorteio começará exatamente tirando uma seleção do pote 4 para o pote 2”; “[...] a tendência era que a pior equipe, no caso a França, fosse deslocada para o pote 2”; retiradas da revista Isto é, que revelam que as seleções de futebol e seus referentes países são entendidos como objetos que podem ser deslocados entre os potes, recipientes utilizados no evento de sorteio da Copa do Mundo.

Em relação à interferência da cultura na atribuição de sentido das metáforas, sabendo que as diferenças de culturas podem influenciar no processo de criação e compreensão de uma metáfora, DeLL’Isola (1998) confirma a concepção Lakoffiana ao evidenciar a capacidade produtiva da língua para criação de termos e expressões com sentidos metafóricos.

Expressões como “ficar uma seda” (em oposição a “ficar uma arara”), “ter sangue de barata”, “cantar de galo”, “ser amigo da onça”, dar zebra”, “encher linguiça”, “pagar o maior mico”, dentre tantas outras, incorporam-se no

léxico da língua portuguesa do Brasil cristalizando sua forma e seu significado enquanto identidades culturais brasileiras. (DELL'ISOLA, 1998, p.40)

Provavelmente, essas expressões metafóricas só poderão ser compreendidas na cultura brasileira, uma vez que elas foram criadas e estão culturalmente internalizadas na vida cotidiana da sociedade pertencente ao Brasil. Se, por acaso, essas expressões fossem proferidas em outro país, com cultura diferentemente da nossa, dificilmente elas seriam compreensíveis, pois o sistema metafórico é estruturado a partir de traços culturais de um povo.

Percebemos, portanto, que não temos total liberdade de conceitualizar alguns termos como bem entendermos, pois correríamos o risco de não sermos bem compreendidos. Sardinha (2007) também reforça a ideia de que as metáforas conceituais são culturais, ou seja, elas estão relacionadas com o modo que um determinado grupo social vê e conceitualiza o mundo de acordo com sua cultura. Assim, se tentarmos criar uma metáfora conceitual e ela não for compartilhada socialmente, ela não funcionará como uma metáfora legítima. Como exemplo, o autor mostra que poderíamos criar uma metáfora como 'o amor é um lustre', mas não teríamos expressões metafóricas em uso que a representem. Contudo, ressalta que em outro tipo de produção linguística algumas criações metafóricas podem fazer sentido, dependendo do grau de conhecimento das pessoas.

Desse modo, ao utilizarmos uma expressão metafórica temos que ficar atentos tanto às nossas intenções linguísticas e ao conhecimento de nosso interlocutor, quanto aos mapeamentos entre os domínios discursivos, em determinada cultura, pois o entendimento da metáfora depende muito do conhecimento compartilhado de ambas as partes. É importante frisar também que no momento de compreensão da metáfora é preciso um alto grau de percepção tanto do criador quanto do receptor, uma vez que são feitas correlações entre coisas completamente diferentes. Nas palavras de Dell'Isola (1998, p.41), "Aquele que 'desconstrói' a metáfora, da mesma forma do 'construtor', deve perceber as peculiaridades de um enunciado metafórico."

Tendo em vista os usos recorrentes de sentidos figurados em nossa sociedade, Sardinha (2007) coloca algumas razões que deixam clara a importância de nos preocuparmos com a linguagem figurada, mais especificamente a metáfora. Para o autor, as metáforas são recursos retóricos poderosos usados por várias pessoas, como jornalistas, advogados, escritores, entre outros, com a finalidade de dar mais vida aos

seus discursos. Elas também são recursos utilizados para expressarem muitas informações de forma sucinta, econômica; como também são um meio de expressar um rico conteúdo de ideias que não apresentaria a mesma riqueza sem a presença delas. Ainda suscitam, segundo o professor, uma relação de proximidade com o ouvinte, o leitor ou a plateia, uma vez que, ao entender a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante, compartilhando conhecimentos e experiências entre si.

Como vimos, é inegável o fato de que a metáfora está presente nos mais diversos textos que circulam socialmente nas interações cotidianas. Sendo assim, ela deixa de se restringir apenas à linguagem literária e passa a ser admitida em todas as manifestações de uso da língua. De acordo com essa perspectiva, o estudo da metáfora passa a ser de fundamental importância para que possamos compreender e sermos compreendidos socialmente. Nas palavras de Sardinha:

As metáforas são um recurso natural de qualquer língua. Muitas não são aprendidas formalmente, e mesmo assim são adquiridas. Assim como aprendemos nossa língua materna antes de ir para a escola e de termos aula de português, as metáforas são usadas desde a mais tenra infância pelos pais ao falarem com seus filhos e até mesmo pelas crianças. (SARDINHA, 2007, p. 16)

Ainda sobre a importância das metáforas, Sardinha (2007) mostra que muitos conceitos só podem ser entendidos por meio de metáforas, principalmente conceitos abstratos, tais como amor, vida, morte, sociedade, tempo, etc, uma vez que esses são complexos, sendo assim difíceis de serem conceitualizados. Então, nesses casos, a metáfora exerce a função de tornar esses termos abstratos mais acessíveis, tornando-os concretos. Como exemplo, o autor cita a metáfora TEMPO É DINHEIRO, em que Tempo, sendo um conceito abstrato, torna-se concreto a partir do momento que é conceitualizado e entendido metaforicamente em relação a dinheiro.

2.6 Metáfora/Metonímia

Assim como a metáfora, Lakoff e Johnson (2002[1980]) também reconhecem que a metonímia está presente em nosso dia a dia, fazendo-nos agir, pensar, falar, a partir de conceitos metonímicos. Em relação ao conceito de metonímia, os autores apresentam a seguinte definição:

A metonímia tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. No caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem representar o todo. A parte selecionada determina que aspectos do todo estamos enfatizando. Quando dizemos que precisamos de boas cabeças no projeto, estamos usando “boas cabeças” para nos referirmos a “pessoas inteligentes”. Mas não é usar a parte (cabeça) para representar o todo (pessoa), porém selecionar uma característica particular da pessoa, ou seja, a inteligência, que é associada à cabeça. (LAKOFF; JOHNSON, (2002[1980]), p. 93).

Para exemplificar a metonímia, os autores citam o exemplo *O sanduíche de presunto* está esperando sua conta para mostrar que a expressão sanduíche de presunto, atualizadora da metonímia MERCADORIA CONSUMIDA PELO CONSUMIDOR, foi utilizada para se reportar a determinada pessoa, nesse caso a que pediu o sanduíche. Assim, percebe-se que o uso de conceitos metonímicos permite-nos conceituar e entender uma entidade em termos de outra tendo em vista uma relação de contiguidade entre ambas.

De acordo com os autores, a metonímia tem em parte o mesmo uso que as metáforas, uma vez que ela também é bastante utilizada em nossas ações cotidianas; a metonímia também se assemelha à metáfora pelo fato de não ser apenas um recurso retórico, nem uma questão de linguagem, visto que os conceitos metonímicos também organizam nossos pensamentos e ações. Entretanto, “a metáfora e a metonímia são processos diferentes” (LAKOFF; JOHNSON, (2002[1980]), p. 92), pois a metonímia é utilizada para se referir a uma coisa em termos de outra, no mesmo domínio; já a metáfora concebe uma entidade em termos de outra, entre dois domínios diferentes.

Tendo em vista o fato de que assim como as metáforas o uso de conceitos metonímicos também não é realizado de forma aleatória, incoerente, Lakoff e Johnson (2002[1980]) expõem vários exemplos de expressões metonímicas representativas de nossa cultura.

PARTE PELO TODO- Ponha *seu traseiro* aqui!/ Nós não contratamos *cabeludos*.

PRODUTOR PELO PRODUTO- Ele comprou um *Ford*./ Ele tem um *Picasso* em seu gabinete.

OBJETO PELO USUÁRIO- O *saxofone* está resfriado hoje./ Os *ônibus* estão em greve.

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS- A *Esso* aumentou seus preços novamente./ Eu não aprovo os atos do *governo*. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 94-95, itálicos do autor).

Silva (1997, apud FERRÃO, 2008) afirma que há uma interação entre metáforas e metonímias, principalmente, no plano das emoções:

Um dos domínios em que a interacção metáfora-metonímia é particularmente frequente é o das categorias de emoção. Nos seus importantes estudos sobre a linguagem das emoções, Kovecses (1986, 1988, 1990) e Lakoff (1987: 380-415) concluem que na conceptualização dos sentimentos e das emoções funcionam um princípio metonímico geral de tipo causa-efeito, pelo qual a ira, a tristeza, o medo, a alegria, o amor e outras emoções são referidas por sintomas fisiológicos correspondentes [...], e várias metáforas conceptuais desencadeadas por estas metonímias fisiológicas [...] (SILVA, 1997, p. 77-78, apud FERRÃO, 2008, p.10).

Seguindo essa mesma ideia defendida por Silva (1997, apud, FERRÃO, 2008), na análise do nosso *corpus*, presente no próximo capítulo, pode-se comprovar que metáforas e metonímias estão bastante interligadas em nossa realidade e possuem, em parte, o mesmo uso, uma vez que no *corpus* selecionado, para este trabalho, ambas aparecem juntas em várias expressões linguísticas.

3 METÁFORAS E METONÍMIAS EM REPORTAGENS SOBRE A COPA DO MUNDO

Neste capítulo, inicialmente, fazemos uma breve apresentação das reportagens utilizadas como *corpus* em nosso trabalho, situando título, revista, data de publicação e assunto. Posteriormente, analisamos o uso de expressões linguísticas metafóricas e metonímicas no gênero reportagem, assunto copa do mundo 2014. As expressões linguísticas encontradas em nosso *corpus* são organizadas de acordo com suas metáforas ou metonímias conceptuais correspondentes. Verificaremos, nesta seção, a recorrência simultânea da metáfora e metonímia em uma mesma expressão linguística e as metáforas conceptuais classificadas por Lakoff e Johnson (2002[1980]) (ontológicas, orientacionais e estruturais), sobre as quais teceremos considerações acerca de suas funções semântico-discursivas.

Identificamos metáforas e metonímias conceptuais na mesma expressão linguística, confirmando assim a tese defendida por Lakoff e Johnson (2002[1980]) de que a metonímia tem em partes o mesmo uso que a metáfora, só que aquela focaliza aspectos próprios da entidade referida, e essa utiliza um termo para se referir a outro, em domínios conceptuais diferentes. Podemos comprovar tal assertiva a partir da análise de algumas expressões presentes neste capítulo.

3.1 Contextualizando o *corpus*

A primeira reportagem que faz parte de nosso *corpus*, intitulada “Brasil conhece nesta sexta seus primeiros rivais na Copa”, foi publicada pela *Isto É*, da Editora Três, em 06/12/2013, e trata do sorteio da Fifa que aconteceu na Costa do Saúipe- BA, para a definição dos grupos de seleções que disputariam no mundial. A revista aborda a expectativa para a formação dos grupos e para as posições que as seleções iriam ocupar na disputa do mundial de 2014. Mostra as regras adotadas pela entidade do futebol para o sorteio e para a organização dos potes, os quais foram utilizados no evento pré-copa a fim de facilitar a divisão dos grupos de seleções. Ainda traz os nomes de algumas pessoas que estariam presentes no evento, dirigentes da Fifa, apresentadores, jogadores.

Por fim, apresenta algumas informações sobre o evento, tais como: duração, audiência estimada, apresentações musicais, deixando clara a preocupação da Fifa com o evento, que, segundo a revista, serviu também para “mostrar a diversidade cultural do Brasil ao mundo.”

A segunda reportagem foi publicada pela revista *Veja*, da Editora Abril, em 05/01/2014, e tem como título “Blatter: ‘Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais’”. Ela narra os atrasos do Brasil na entrega das obras para a Copa 2014. Para dar veracidade ao que está sendo transmitido, a revista utiliza dados de fontes especializadas, seguras, internacionais, como a entrevista conferida pelo presidente da Fifa, Joseph Blatter, ao jornal suíço 24 Horas. Nessa, o representante da Fifa declara sua insatisfação com os atrasos da Copa 2014 e revela não ter medo das possíveis manifestações que podem vir a ocorrer, uma vez que, segundo ele, os brasileiros amam o futebol, por isso não o atacariam.

Em contrapartida às críticas feitas pelo presidente da Fifa, de que o Brasil começou tarde demais nos preparativos para a Copa e vem acumulando atrasos, a revista ainda cita as afirmações otimistas proferidas pelo ministério do esporte e pelo governo brasileiro que mostram confiança e otimismo na realização da competição. Segundo o governo, “a copa 2014 será a melhor de todas que já foram realizadas”.

Já a última reportagem “A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história?” publicada por *Época*, da Editora Globo, em 06/01/2014, também faz referência às declarações proferidas pelo presidente da Fifa ao jornal Suíço, assim como a reportagem anterior, da revista *Veja*.

Inicialmente, a revista cita as críticas à organização brasileira, feitas tanto pelo secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, quanto pelo presidente, Joseph Blatter. Também traz as reações do governo às declarações dos representantes da entidade. Logo em seguida, apresenta alguns questionamentos em réplica às declarações feitas pelo presidente da Fifa, mostrando que o último país que sediou o Mundial, África do Sul, não foi um exemplo de pontualidade. Sendo assim, a revista acredita que se o Brasil cumprir com todos os prazos ele pode entregar a Copa 2014 com atrasos menores do que a de 2010, apesar dela não isentar as autoridades brasileiras pelos problemas já ocorridos.

Nessas três reportagens que serviram como *corpus* para nosso trabalho, confirmamos a caracterização feita por Bahia (1990) e Melo (1985) (apud KINDERMANN 2003), para o gênero reportagem. Esse, segundo os autores,

corresponde a uma notícia ampliada. Sendo assim, nas reportagens analisadas verificamos sua amplitude, uma vez que trazem, exploram e detalham os diversos fatores envolvidos no assunto Copa do Mundo 2014.

3.2 Metáfora/metonímia

Quadro 1: Expressões que atualizam a metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e a metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS.

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS- METONÍMIA INSTITUIÇÃO SÃO PESSOAS- METÁFORA
(1) Seleção brasileira conhece nesta sexta-feira os seus três primeiros adversários. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(2) A Fifa faz , a partir das 14 horas (de Brasília), o sorteio dos grupos em evento na Costa do Sauipe, litoral norte da Bahia. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(3) Na simulação feita pela Fifa , o Grupo A era formado por Brasil, França, Austrália e Itália. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(4) Esse cenário, no entanto, não agrada à Fifa . (Revista Isto é, 06/12/2013).
(5) A entidade, então, resolveu adotar uma nova regra para o sorteio a fim de proteger a França. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(6) A intenção da Fifa é evitar algum contratempo em um evento que será transmitido para 193 países. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(7) A Fifa transformou a cerimônia em um grande show para mostrar a diversidade cultural do Brasil ao mundo. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(8) [...] a Fifa criou o Pote X . (Revista Isto é, 06/12/2013).
(9) O governo também citou a alta procura pelos ingressos da Copa do Mundo de 2014. (Revista Veja, 05/01/2014).
(10) As trocas de farpas entre a Fifa e autoridades brasileiras já estão se tornando comuns na organização da Copa do Mundo de 2014. (Revista Época, 06/01/2014).
(11) O governo brasileiro reagiu às declarações. (Revista Época, 06/01/2014).
(12) O Ministério do Esporte contrariou a tese de que o Brasil começou tarde com os preparativos. (Revista Época, 06/01/2014).
(13) Se as autoridades brasileiras cumprirem os cronogramas prometidos, os estádios brasileiros devem ficar prontos. (Revista Época, 06/01/2014).
(14) O Tribunal de Contas da União (TCU) alertava para atrasos (e aumento dos custos) desde o início das obras. (Revista Época, 06/ 01/ 2014).

Fonte: Dados da pesquisa

Nessas expressões, percebemos que um conceito é usado para se referir a outro, Fifa é utilizado para se referir às pessoas que são responsáveis por essa instituição, governo se refere às pessoas que estão à frente da organização do país, assim como, seleção brasileira, Ministério do esporte, autoridades brasileiras, que são utilizados para se referirem a outros conceitos, no mesmo domínio, no caso, às pessoas que são responsáveis pelas referidas instituições. Com isso, todas essas expressões atualizam a metonímia conceptual INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS.

Ainda é possível verificar que são atribuídas características humanas às instituições, através do uso de verbos que expressam aspectos próprios do ser humano, como *fazer, agradar, cumprir, alertar, contrariar, reagir, criar, resolver*. Sendo assim, percebemos que essas expressões atualizam a Metáfora Conceptual Ontológica de Personificação INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, uma vez que os conceitos, Fifa, Governo, Seleção brasileira, são personificados através de características pessoais. Nenhuma instituição é capaz de criar algo, resolver problemas, alertar sobre algum fato, essas ações só são possíveis no campo humano.

Os usos dessas metáforas conceptuais nos levam a perceber que o locutor que escreveu as referidas reportagens, teve um objetivo, ou seja, a aceitação do conteúdo transmitido por seus interlocutores. Para isso, o locutor utiliza de metáforas ontológicas de personificação, com o intuito de aproximar suas ideias dos seus interlocutores, através da atribuição de características humanas às informações que estão sendo transmitidas.

Acerca disso, é possível observar alguns aspectos interessantes. Num primeiro momento, vemos que os usos dessas metáforas estão culturalmente bem consolidados no nosso país, e ao fazer referência às instituições, quando na verdade os referentes são as ações realizadas pelas pessoas, não dificulta em nada a interpretação do leitor, tanto que, certamente, ele não sente a necessidade de refletir sobre essas questões e já interpreta de forma automática as informações. É comum também encontrarmos o uso das instituições pelos responsáveis, uma vez que, pela própria natureza do gênero reportagem, há a necessidade de atribuir ações e vozes a outros sujeitos, numa tentativa de apenas narrar os fatos e manter neutralidade. Contudo, num terceiro momento, através de uma leitura crítica, é possível perceber que esse uso pode ser intencional para que o autor não se comprometa com o que está sendo informado. Apesar de o autor falar sobre o assunto, organização do evento Copa do Mundo, sua opinião não fica exposta explicitamente. Essa é uma forma de se precaver contra possíveis críticas que podem ser direcionadas a ele ou à própria revista.

Quadro 2: expressões que atualizam a metonímia PAÍS PELAS PESSOAS e a metáfora PAÍS É UMA PESSOA.

<p>PAÍS PELAS PESSOAS- METONÍMIA PAÍS É UMA PESSOA- METÁFORA</p>
<p>(15) Brasil conhece nesta sexta seus primeiros rivais na Copa. (Revista Isto é, 06/12/2013).</p>
<p>(16) Blatter: 'Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais'. (Revista Veja, 05/01/2014).</p>

(17) [...] o país se viu sacudido por uma onda de protestos. (Revista Veja, 05/01/2014).
(18) [...] o país tem a confiança da comunidade internacional de que a competição será um êxito. (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do governo.
(19) Ao ser questionado se o Brasil estava ciente do desafio que é organizar uma Copa do Mundo, ele disse que, no começo, não, e que só muito recentemente o país acordou para a organização da Copa. (Revista Época, 06/01/2014). Presidente da Fifa, Joseph Blatter.
(20) Em nota, o Ministério do Esporte contrariou a tese de que o Brasil começou tarde com os preparativos " O Brasil trabalha na preparação do Mundial desde que foi escolhido para sediar o torneio". (Revista Época, 06/01/2014). Ministério do esporte.
(21) O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, disse que o Brasil merecia um "chute no traseiro" para fazer com que as obras avançassem. (Revista Época, 06/01/2014).
(22) "A procura por ingressos para os jogos - a maior em todas as Copas - mostra que torcedores do mundo inteiro confiam no Brasil ", disse. (Revista Época, 06/01/2014). Presidente Dilma Rousseff
(23) O Brasil pode entregar a Copa com atraso menor do que a da Copa de 2010. (Revista Época, 06/01/2014).

Fonte: Dados da pesquisa

Nessas nove expressões, verifica-se mais uma vez a ocorrência da metáfora e da metonímia, em que o nome do país, Brasil, é utilizado para substituir as pessoas que aqui vivem, formando inicialmente a metonímia PAÍS PELAS PESSOAS. Seguindo esse mesmo raciocínio, observa-se que são atribuídas características humanas ao país, tais como: *entregar, trabalhar, conhecer, estar ciente, merecer, confiar, acordar*. Dessa forma, confirmamos que as expressões acima também atualizam a metáfora conceptual de personificação PAÍS É UMA PESSOA. De acordo com Lakoff e Johnson (2002[1980]), utilizamos as metáforas ontológicas de personificação para compreendermos experiências não humanas em termos e aspectos próprios do ser humano.

Nos casos de metáfora conceptual, constatamos nos dois quadros de expressões linguísticas que um mesmo domínio fonte, no caso Pessoas, foi utilizado para explicar vários domínios alvos, tais como: país, governo, fifa, seleção brasileira, tribunal de contas da união, autoridades brasileiras. Sendo assim, verificamos que as várias instituições e o país foram entendidos a partir de aspectos e motivações do ser humano.

Na análise das expressões acima, ainda percebemos a presença de diferentes vozes no discurso, as quais são introduzidas por verbos do dizer, tais como: *afirmar, explicar, falar, contrariar, dizer*, etc. Nessas expressões, destaca-se a voz dos dirigentes da Fifa, do governo brasileiro, do autor da reportagem ou da própria revista, as quais são organizadas de acordo com uma estrutura dialogada. Como se pode ver, os enunciados proferidos pelo governo, “[...] o país tem a confiança da comunidade internacional de que a competição será um êxito”; “O Brasil trabalha na preparação do Mundial desde que foi escolhido para sediar o torneio”; “A procura por ingressos para os jogos - a

maior em todas as Copas - mostra que torcedores do mundo inteiro confiam no Brasil”, são apontados como uma réplica, resposta, que vão de encontro aos enunciados proferidos pelos dirigentes da Fifa, “Blatter: ‘Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais’”; “Ao ser questionado se o Brasil estava ciente do desafio que é organizar uma Copa do Mundo, ele disse que, no começo, não, e que só muito recentemente o país acordou para a organização da Copa”; “O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, disse que o Brasil merecia um ‘chute no traseiro’ para fazer com que as obras avançassem.” Com a análise dessas expressões, fica claro o caráter dialógico do enunciado, como também sua heterogeneidade, visto que os enunciados do governo são constituídos a partir dos enunciados ditos pelos representantes da Fifa, em uma relação de divergência e oposição. “Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado.” (FIORIN, 2006, p. 24).

Percebem-se também nas reportagens maneiras visíveis de mostrar diferentes vozes no discurso, como é o caso do discurso direto, indireto, e do usos das aspas. Neste caso, o discurso do outro é nitidamente mostrado e separado do discurso do autor das reportagens, sendo essa uma forma de os autores tentarem mostrar uma visão imparcial e objetiva sobre a organização da Copa do Mundo 2014, como também dar mais credibilidade ao seu discurso, uma vez que as fontes citadas são confiáveis (declarações do presidente da Fifa à imprensa Suíça, afirmações proferidas pelo governo). Assim, o leitor é levado a incorporar os discursos da revista. Nesse sentido, a escolha de todos os elementos linguísticos é organizada, propositadamente, para fazer com que os leitores acreditem no que a revista veicula.

Nos exemplos (17) e (23), notam-se as vozes dos autores da reportagem ou das próprias revistas (Veja e Época). A expressão “[...] o país se viu sacudido por uma onda de protestos”, retirada da reportagem da revista Veja, é colocada pelo autor logo após serem citadas as declarações feitas pelo presidente da Fifa à imprensa Suíça sobre os atrasos das obras para o Mundial, ‘O Brasil acabou de se dar conta que começou tarde demais. É o país com mais atrasos desde que estou na Fifa e foi o que teve mais tempo, sete anos, para se preparar’. Sendo assim, o autor utiliza a voz do representante da entidade para sustentar sua posição, uma vez que, no texto, logo após as declarações de Blatter, percebe-se uma clara avaliação, quando o autor faz referência às obras que não foram concluídas no tempo previsto pela Fifa e aos protestos ocorridos durante a copa das confederações, avaliação também direcionada aos altos custos com a organização do mundial.

Portanto, é perceptível que o autor ou a revista utiliza a voz do presidente da Fifa, até mesmo no título da reportagem, “Blatter: Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais”, para sustentar sua posição de insatisfação com os gastos e atrasos do Mundial; fica claro também que esse posicionamento da revista Veja deve-se ao fato de ela, na maioria das vezes, elaborar discursos desfavoráveis ao governo, visto que ela é uma revista de linha fortemente política.

Já na expressão “O Brasil pode entregar a Copa com atraso menor do que a da Copa de 2010” nota-se que o autor da reportagem contradiz as declarações feitas pelo presidente da Fifa, de que o Brasil é o país mais atrasado, ao afirmar que o país tem possibilidades de concluir as obras do Mundial, desde que as autoridades brasileiras cumpram os prazos prometidos. Para sustentar sua posição, o autor utiliza como exemplo o Mundial realizado na África do sul, que teve muitos atrasos. Ainda é interessante perceber que o posicionamento do autor já é revelado logo no título do texto quando ele levanta o seguinte questionamento: “A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história?”, o qual dialoga com a voz do presidente sobre os atrasos do Mundial. Nesse sentido, evidencia-se uma atitude claramente subjetiva, pois, geralmente, a partir do momento que alguém questiona algo é porque não compartilha da mesma ideia. Sendo assim, diferentemente do posicionamento da revista Veja, verifica-se uma atitude defensiva da revista *Época* em relação à organização da Copa do mundo 2014, uma vez que na reportagem utilizada como *corpus* o discurso é organizado a partir de uma visão otimista sobre o Mundial.

3.2 Metáforas ontológicas

3.2.1 A Personificação

A metáfora ontológica de personificação ocorre quando personificamos eventos, tratando-os como se fossem pessoas, com aspectos próprios do ser humano, como podemos observar nos exemplos a seguir, retirados das reportagens de nosso corpus.

Quadro 3: Expressões que atualizam a metáfora FUTEBOL É UMA PESSOA

FUTEBOL É UMA PESSOA

29. "O futebol estará protegido [...]". (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do presidente da Fifa.

30. "Amamos o futebol e por isso recebemos esta Copa com orgulho e faremos dela a Copa das Copas." (Revista Época, 06/01/2014). Voz de Dilma Rousseff.

Fonte: Dados da pesquisa

Nos exemplos acima, podemos observar que o futebol está sendo personificado, ganhou aspectos próprios dos seres humanos, pois, nas expressões contidas em (29) e (30), ele é conceitualizado como um ser humano a quem podemos proteger e amar. A partir dessas expressões, atualiza-se a metáfora conceptual de personificação FUTEBOL É UMA PESSOA.

O uso dessas expressões nos faz perceber que elas são utilizadas com um objetivo de aproximar o futebol das pessoas, apresentando, assim, características do ser humano, fazendo com que, dessa forma, seja despertado mais ainda o sentimento de nacionalidade da população e a paixão pelo futebol.

Em (29), a expressão é proferida pelo dirigente da Fifa, Joseph Blatter, em declarações publicadas no jornal suíço 24 Horas e revela-nos sua confiança de que os jogos da Copa do mundo não serão alvos de protestos, uma vez que ele acredita que os brasileiros têm paixão pelo futebol. Por isso, confia que o futebol estará protegido e, se ocorrerem manifestações, elas não atingirão diretamente ao Mundial.

Já em (30), tem-se a expressão proferida pela presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em sua conta no Twitter, em reação às declarações do presidente da Fifa sobre os atrasos do Mundial. Nesse caso, percebe-se a presença da voz de uma brasileira, que torce pelo Mundial e como brasileira tem orgulho de receber um evento de tão grande importância no mundo, mas, acima de tudo, nessa expressão, tem a voz da presidenta do Brasil que precisa defender o evento por questões evidentes, pois é a imagem do país que está em jogo, assim como o nome e o governo dela, o dinheiro público, os investimentos das mais diversas empresas.

Quadro 4: Expressões que atualizam a metáfora MANIFESTAÇÕES SÃO PESSOAS

MANIFESTAÇÕES SÃO PESSOAS

31. "Não tenho medo. Sabemos que teremos manifestações, protestos. As últimas, durante a Copa das Confederações, nasceram nas redes sociais . (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do presidente da Fifa.

Fonte: Dados da pesquisa

Em (31), a expressão “[...] nasceram nas redes sociais” que se refere às manifestações ocorridas na Copa das confederações em 2013, é um exemplo da

metáfora conceptual MANIFESTAÇÕES SÃO PESSOAS, em que o conceito de manifestação (domínio alvo) é entendido como se fosse uma pessoa (domínio origem), uma vez que nascer é uma qualidade dos seres vivos.

SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO OBJETOS
(24) [...] o sorteio começará exatamente tirando uma seleção do Pote 4 para o Pote 2. (Revista Isto é, 06/12/2013)
(25) [...] a Fifa criou o Pote X. Nele serão colocados Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai para ser escolhido o país que automaticamente receberá em sua chave a seleção europeia proveniente do Pote 2. (Revista Isto é, 06/12/2013).
(26) [...] a tendência era que a pior equipe, no caso a França, fosse deslocada para o Pote 2 com os representantes da África, mais Chile e Equador. (Revista Isto é, 06/12/2013)
(27) Uma delas era colocar a seleção de mais baixo ranking no Pote 2. (Revista Isto é, 06/12/2013). (Revista Isto é, 06/12/2013).
(28) Pelé foi chamado para ajudar a retirar as bolinhas dos potes , mas abriu mão do convite. (Revista Isto é, 06/12/2013).

Nessa expressão dita pelo dirigente da fifa em um entrevista à imprensa suíça, ele reconhece a possibilidade de ocorrerem manifestações, protestos durante os jogos da copa, mas, afirma não ter medo de elas atrapalharem o mundial, visto que os brasileiros amam o futebol, por isso não teriam coragem de atacá-lo.

3.2.2 A Objetificação

Quadro 5: Expressões que atualizam a metáfora SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO OBJETOS.

Fonte: Dados da pesquisa

A copa do mundo é um evento maior que é entendido como um recipiente, uma vez que podemos concebê-la a partir da orientação dentro/fora; as pessoas podem ir à copa, está na copa, manterem-se fora da Copa etc. Nesse evento maior (copa) podem ser percebidos outros eventos menores que também funcionam como recipientes, por exemplo, o sorteio de definição dos grupos de seleções para os jogos da copa, ocorrido em dezembro de 2013, é visto como um objeto recipiente, com participantes (que são objetos), eventos como o início e o fim (que são objetos metafóricos) e a atividade de retirar as bolinhas dos potes (que é uma substância metafórica).

Nessas expressões, ainda observamos que os países são seleções e as seleções de futebol são entendidas como objetos, que podem ser colocadas, deslocadas e retiradas

de um recipiente, nesse caso os Potes. Para a realização do sorteio, as equipes foram divididas em quatro potes, que foram de 1 a 4. O Pote 1 reunia os cabeças de chave da competição, ou seja, as seleções de melhor colocação no ranking da Fifa de outubro, dentre as quais estão: Brasil, Alemanha, Argentina, Bélgica, Colômbia, Espanha, Suíça e Uruguai. O pote 2 era composto por cinco seleções da África, Chile e Equador; o pote 3 foi formado por oito seleções da Ásia, América Central e do Norte; e, por último, o pote 4 contava com os nove times europeus. Esses potes foram utilizados no sorteio para facilitar a divisão dos grupos que iriam disputar no Mundial, para isso, de cada pote era retirada uma seleção e colocada nos grupos de A ao H, sendo que para cada grupo era sorteado um cabeça de chave.

As expressões presentes em (24), (26) e (27) se referem a uma das decisões tomadas antes do sorteio que era deslocar uma seleção do pote 4, do continente europeu, para o pote 2, com os países da América do Sul e da África, pois esse só tinha sete seleções e o pote composto por equipes europeias estava com um integrante a mais em relação ao último torneio na África do Sul. Inicialmente, seria a equipe da França, considerada a seleção de mais baixo ranking, recolocada no pote 2, mas a entidade preferiu a realização do sorteio.

Na expressão “[...] a Fifa criou o Pote X. Nele serão colocados Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai [...]”, verifica-se que os países são entendidos como seleções e essas como objetos, uma vez que, assim como um objeto, as seleções também podem ser colocadas em um local, nesse caso, os potes, tidos como recipientes. Esse pote X foi criado pela Fifa para evitar que a França ficasse no grupo de um cabeça de chave europeu. Sendo assim, através do sorteio seria definido o grupo do qual a seleção migrada do pote europeu faria parte.

A expressão linguística metafórica veiculada em (28), “Pelé foi chamado para ajudar a retirar as bolinhas dos potes [...]”, também assegura e confirma a metáfora SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO OBJETOS, pois mais uma vez as seleções são entendidas como objetos (bolinhas) que podem ser retiradas de um recipiente (potes).

3.3 Metáfora estrutural

Quadro 6: Expressões que atualizam as metáforas REUNIÃO DAS SELEÇÕES É UM GRUPO DE MORTE/ AS MELHORES SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO CABEÇAS DE CHAVE

REUNIÃO DAS SELEÇÕES CAMPEÃS É UM GRUPO DE MORTE/ AS MELHORES SELEÇÕES DE FUTEBOL SÃO CABEÇAS DE CHAVE
32. Com as mudanças nas regras anunciadas na última terça, é possível a formação de um grupo da morte com três campeões mundiais. (Revista Isto é, 06/12/2013).
33. Para evitar que essa equipe fique no grupo de um cabeça de chave europeu, a Fifa criou o Pote X. (Revista Isto é, 06/12/2013).
34. Como o continente possui nove times no Mundial além dos cabeças de chave , a tendência era que a pior equipe, no caso a França, fosse deslocada para o Pote 2 com os representantes da África, mais Chile e Equador. (Revista Isto é, 06/12/2013).
35. Nele serão colocados Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai para ser escolhido o país que automaticamente receberá em sua chave a seleção europeia proveniente do Pote 2. (Revista Isto é, 06/12/2013).

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise das expressões acima se faz necessário, inicialmente, esclarecermos alguns termos utilizados na linguagem do futebol, tais como: grupo de morte, chave e cabeça de chave, que já se caracterizam como metafóricos. A expressão “grupo de morte” refere-se à formação de um grupo só com campeões mundiais, seleções fortes. Já a expressão “chave” significa os grupos de seleções que são organizados para a competição de futebol, nessas chaves ou grupos sempre terá um cabeça de chave, ou seja, um time forte. Isso é feito para evitar que as equipes fortes se enfrentem logo no início do campeonato.

No exemplo (32), a expressão “[...] é possível à formação de um grupo da morte com três campeões mundiais” refere-se à possível reunião de seleções fortes em um mesmo grupo para a disputa do Mundial 2014 e atualiza a metáfora conceptual REUNIÃO DAS SELEÇÕES CAMPEÃS É UM GRUPO DE MORTE. A expressão “três campeões mundiais” é utilizada para fazer referência ao Uruguai, Inglaterra e Itália, ex-campeões da Copa do Mundo.

Em (33), a expressão “grupo de um cabeça” de chave faz menção a alguma seleção forte europeia que pode ser sorteada para disputar com a França, considerada uma equipe fraca. Para evitar isso e tentar proteger a França, a Fifa cria o Pote X para colocar algumas seleções fortes, tais como: Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai.

No exemplo (34), a expressão “cabeça de chave” também se refere às melhores equipes de seleções de futebol, atualizando assim a metáfora conceptual estrutural CABEÇAS DE CHAVE SÃO AS MELHORES SELEÇÕES. Podemos perceber

também que a expressão “grupo de morte” foi denominada assim por reunir em um mesmo grupo apenas as melhores seleções. No entanto, existe uma diferença entre a expressão “cabeça de chave” e “grupo de morte”, uma vez que aquela é utilizada para se referir à melhor seleção de um grupo que disputa com outras equipes que não são cabeças de chave, ou seja, não são fortes, enquanto essa faz referência à formação de um grupo em que são reunidas apenas as melhores seleções, as mais temidas.

Quadro 7: expressões que atualizam a metáfora COPA DO MUNDO É GUERRA

COPA DO MUNDO É GUERRA
36. Brasil conhece nesta sexta seus primeiros rivals na Copa. (Revista Isto é, 06/12/2013).
37. Seleção brasileira conhece nesta sexta-feira os seus três primeiros adversários . (Revista Isto é, 06/12/2013).
38. O país estará pronto a tempo de receber com êxito a competição . (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do Ministério do esporte.
39. “Acredito que os brasileiros não atacariam ao futebol diretamente.” (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do Presidente da Fifa.
40. As trocas de farpas entre a Fifa e autoridades brasileiras já estão se tornando comuns na organização da Copa do Mundo de 2014. (Revista Época, 06/01/2014).

Fonte: Dados da pesquisa

Nesses exemplos, observamos a presença da metáfora estrutural FUTEBOL É GUERRA em que o conceito guerra (domínio fonte) foi utilizado para falar da organização do maior evento de futebol, Copa do Mundo. Nesse caso, o evento de futebol é conceituado e compreendido a partir de termos próprios de uma guerra, uma vez que as seleções são rivais, adversárias, pois todas esperam serem ganhadoras, mas apenas uma será a campeã, por isso o Mundial é visto como se fosse uma guerra que terá ganhadores e perdedores.

Notemos que todas as expressões presentes na tabela acima, seja do autor da revista, do presidente da Fifa ou do ministério do esporte, revelam que todos veem o futebol, a Copa do mundo, como um guerra entre países, seleções, pessoas. O conceito de guerra também é utilizado para se referir às discussões e críticas sucedidas entre a Fifa e às autoridades brasileiras. Na expressão “As trocas de farpas entre a Fifa e autoridades brasileiras já estão se tornando comuns na organização da Copa do Mundo de 2014” fica claro que o autor entende e conceitua as discussões entre as entidades, sobre a organização do Mundial, a partir de aspectos próprios do domínio da guerra.

Quadro 8: expressão que atualiza a metáfora FUTEBOL É UMA RELIGIÃO

FUTEBOL É UMA RELIGIÃO
41. “[...] Acredito que os brasileiros não atacariam ao futebol diretamente. Para eles, é uma religião ”,

completou. (Veja, 05/01/2014). Voz do Presidente da Fifa.

Fonte: Dados da pesquisa

Nessa expressão, proferida pelo o dirigente da Fifa, Joseph Blater, fica clara a certeza que o dirigente tem de que os brasileiros não atacariam o futebol, uma vez que, para ele, os brasileiros veem o futebol como uma religião. Essa ideia é disseminada no Brasil devido ao fato de a religião ainda ter muita influência no país e de ser muito respeitada pelos brasileiros.

Em nossa cultura, a relação entre futebol e religião é tão forte que muitas pessoas, no momento das disputas de suas equipes favoritas, fazem orações e promessas para que seus times sejam vencedores nos jogos de futebol. Nesse contexto, os jogadores e técnicos também se envolvem nesse clima de fé e esperança pela vitória de suas equipes, sendo assim, também fazem suas orações religiosas. Além disso, o técnico de futebol com suas orientações, ensinamentos, treinamentos pode ser visto como uma pessoa de grande conhecimento que tem a missão de conduzir suas equipes ao caminho da vitória.

Dessa forma, a expressão pronunciada pelo presidente da Fifa “Acredito que os brasileiros não atacariam ao futebol diretamente. Para eles, é uma religião”, atualiza a metáfora conceptual FUTEBOL É UMA RELIGIÃO.

3.4 Metáforas orientacionais

Quadro 9: expressões que atualizam a metáfora orientacional MAIS É RUIM

MAIS É RUIM
43. A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história? (Revista Época, 06/01/2014).
44. [...] O país se viu sacudido por uma onda de protestos que foram direcionados, entre outras causas, aos altos custos da organização do Mundial. (Revista Veja, 05/01/2014).
45. "O Brasil acabou de se dar conta que começou tarde demais. " (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do presidente da Fifa.
46. O presidente da Fifa, Joseph Blatter, afirmou em entrevista à imprensa suíça que o Brasil vem acumulando atrasos nas obras para a Copa do Mundo de 2014. (Revista Veja, 05/01/2014).

Fonte: Dados da pesquisa

Notemos como a metáfora orientacional, atualizadora de diferentes expressões linguísticas pode direcionar para um discurso argumentativo. Em (43), a expressão em forma de pergunta já aparece logo no título da reportagem, como uma forma de chamar

a atenção do público para a leitura e promover um diálogo, uma aproximação com os interlocutores através do questionamento que também pode ser respondido pelo público.

Importante observar que, através desse título em forma de pergunta, o autor da reportagem já adianta seu posicionamento sobre os atrasos na organização da Copa do mundo e conduz, durante o seu texto, o público da revista a interpretar a pergunta com uma resposta imediatamente negativa. Portanto, através dessa expressão o autor tenta convencer-nos de que, apesar das críticas feitas pelos representantes da Fifa sobre os atrasos na organização do mundial, a Copa 2014 pode não ser a mais atrasada. Para defender tal posicionamento, o autor cita o exemplo da Copa de 2010, cujas obras só foram concluídas dias antes do início dos jogos. Sendo assim, a expressão “A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história?” foi colocada logo no título com o objetivo de expor um posicionamento do autor ou da própria revista de que talvez a Copa de 2014 não seja a mais atrasada como muitos têm afirmado.

A análise da expressão “[...] o país se viu sacudido por uma onda de protestos que foram direcionados, entre outras causas aos altos custos da organização do Mundial” nos faz perceber que o locutor tenta mostrar a seus interlocutores o quanto é ruim para o país os altos custos envolvidos na organização do Mundial. O autor utiliza os protestos ocorridos em junho de 2013 para demonstrar o descontentamento do povo com os altos gastos, atualizando assim a metáfora conceptual MAIS É RUIM.

Em (45) e (46), a metáfora é atualizada pelas expressões linguísticas “O Brasil acabou de se dar conta que começou tarde demais”; “[...] o Brasil vem acumulando atrasos nas obras para a copa do mundo de 2014.” O Brasil foi escolhido para sediar a Copa do mundo 2014 desde 2007 e, apesar do longo prazo, não tem cumprido com as datas previstas para entrega das obras, isso tem provocado descontentamento aos dirigentes da Fifa que apostaram no País e agora não veem as obras serem concluídas.

Nessas expressões, o presidente da entidade revela sua insatisfação com o andamento das obras, pois, segundo ele, foram iniciadas tarde demais e vêm acumulando atrasos. Através dessas expressões retiradas de uma entrevista que o presidente concedeu à imprensa Suíça, o autor da reportagem revela-nos que as autoridades brasileiras não têm total habilidade para organizar um evento de tão grande porte como o Mundial de futebol. Como forma de tentar convencer seu público-alvo sobre o que está sendo veiculado pela reportagem, o autor utiliza propositadamente a entrevista do Presidente da Fifa, a fim de dar mais credibilidade à reportagem e causar uma maior aceitação do público.

Interessante destacarmos que a metáfora MAIS É RUIM foi utilizada nas expressões com um valor negativo. Sendo assim, o uso dessa metáfora quebra a expectativa e pode até causar um possível estranhamento, uma vez que o valor que está enraizado em nossa cultura é que Mais é melhor, valor coerente com que Lakoff e Johnson (2002[1980]) afirmam com as metáforas MAIS É PARA CIMA; BOM É PARA CIMA; MAIOR É MELHOR, portanto, “menos” seria “ruim” ou menos é para baixo. Com isso, percebe-se que a metáfora MAIS É RUIM só tem sentido porque ela é compatível com a realidade do Brasil, que tem a fama de ser um país em que as pessoas deixam tudo para última hora, e ainda por ser um país considerado subdesenvolvido, apresentando baixos indicadores de desenvolvimento socioeconômico e humano. Portanto, melhor, ruim, bom, são conceitos subjetivos e vão variar a depender da cultura, sendo que dentro de uma mesma cultura os sujeitos ainda podem apresentar divergências quanto à definição desses valores.

Quadro 10: expressões que atualizam as metáforas orientacionais MAIS É MELHOR e MENOS É RUIM

MAIS É MELHOR/ MENOS É MELHOR
47. Se as autoridades brasileiras cumprirem os cronogramas prometidos, os estádios brasileiros devem ficar prontos com um pouco mais de antecedência . (Revista Época, 06/01/2014).
48. [...] o Brasil pode entregar a Copa com atraso menor do que a da Copa de 2010. (Revista Época, 06/01/2014).

Fonte: Dados da pesquisa

A expressão linguística metafórica presente no primeiro exemplo concretiza a metáfora orientacional MAIS É MELHOR. Essa sentença revela a voz do autor da reportagem ou da própria revista e orienta para o fato de que as coisas estarem prontas com antecedência é muito bom, é positivo, e para isso é preciso que as autoridades brasileiras cumpram todos os prazos previstos, caso esses não sejam cumpridos, os estádios em que serão realizados os jogos podem não ficar prontos a tempo, prejudicando assim a imagem do Brasil.

No segundo exemplo, a expressão linguística atualiza a metáfora conceptual MENOS É MELHOR, que também quebra a expectativa do público, assim como a metáfora MAIS É RUIM, visto que em nossa cultura, geralmente, Menos é ruim. Mas, neste contexto a metáfora MENOS É MELHOR expressa algo positivo, visto que o Brasil entregar um evento como a copa com menos atrasos do que outro País é muito bom para sua imagem, pois, embora haja atrasos nas obras, ele tem a oportunidade de

passar na frente do último País que organizou o Mundial de 2010, ou seja, a África do Sul.

Interessante notarmos que apesar de a opinião do autor da reportagem não estar implícita no texto, conseguimos perceber o seu posicionamento sobre o assunto através do uso de algumas expressões linguísticas, tais como: “os estádios brasileiros devem ficar prontos [...]”; “o Brasil pode entregar a Copa com atraso menor do que a da Copa de 2010.” Esse otimismo do autor pode ser que esteja deixando revelar a voz de um brasileiro que gosta de futebol e acredita que o evento será um sucesso.

Quadro 11: expressões que atualizam a metáfora orientacional MAIOR É PARA CIMA

MAIOR É PARA CIMA
48. O sorteio dos grupos é o maior evento pré-Copa e terá 90 minutos. (Revista Isto é, 06/12/2013).
49. "A procura por ingressos para os jogos - a maior em todas as Copas..." (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do governo brasileiro.
50. "...torcedores do mundo inteiro confiam que a Copa de 2014 será a melhor de todas que já foram realizadas." (Revista Veja, 05/01/2014). Voz do governo.
51. (...) maior evento de futebol do mundo (...) (Revista Época, 06/01/2014).

Fonte: Dados da pesquisa

As expressões linguísticas veiculadas no (48) e (51) “O sorteio dos grupos é o maior evento pré-Copa [...]”; e “[...] maior evento de futebol do mundo” nos faz acreditar que, utilizando a metáfora orientacional MAIOR É PARA CIMA, o autor da revista tenta atingir a sensibilidade e a emoção das pessoas para o Mundial já a partir do sorteio das seleções que irão disputar a copa. O sorteio é colocado pelo autor como sendo o maior evento pré-Copa, como forma de despertar a atenção do público.

“A procura por ingresso para os jogos- a maior em todas as copas [...]”; “[...] a Copa de 2014 será a melhor de todas as Copas [...]”; expressões presentes em (49) e (50) foram pronunciadas pelo governo brasileiro, em resposta às críticas feitas pelo presidente da Fifa sobre o andamento dos preparativos para a Copa, em entrevista à imprensa Suíça. Essas afirmações deixam claro que a Copa do mundo de futebol é reconhecida pelo governo como um grande evento, motivo de alegria e orgulho. A expectativa e a torcida ainda é maior para a Copa de 2014 pelo fato de o Brasil ter sido escolhido para sediar o evento. Sendo assim, a confiança na realização do Mundial e na conquista da Copa do mundo 2014 pelo Brasil é muito grande. Essas expressões proferidas pelo governo brasileiro revelam-nos a certeza que a instituição tem de que a Copa no Brasil será realizada com grande êxito, pois, segundo essa instituição, o mundo inteiro confia que o Mundial 2014 será um sucesso. Para comprovar tal assertiva, o

governo cita a alta procura por ingressos para o evento. Politicamente falando, essa instituição tem interesse que o Mundial 2014 dê certo, pois qualquer fracasso vai recair sobre sua responsabilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a identificar quais metáforas conceptuais aparecem nas reportagens jornalísticas sobre a copa do mundo 2014, procurando analisá-las e identificar com que objetivos as expressões linguísticas metafóricas são utilizadas nos textos. Para isso, buscamos respaldo teórico no estudo cognitivista de Lakoff e Johnson (2002[1980]) os quais afirmam que a metáfora não pode ser vista apenas com a função de ornamentar e embelezar o texto, pois, como pudemos comprovar neste trabalho, elas estão fortemente consolidadas em nosso cotidiano e nos mais diversos gêneros textuais.

Utilizamos como corpus três reportagens retiradas das Revistas Veja, Época e Isto é, e verificamos, através da análise, que o uso de expressões linguísticas metonímicas e metafóricas, atualizadoras de metonímias e metáforas conceptuais, aparecem na mesma expressão linguística, como vimos nos quadros 1 e 2. Também constatamos a ocorrência de mais de um tipo de metáfora em uma mesma expressão metafórica.

Ainda que nosso trabalho não seja de cunho quantitativo, não podemos deixar de citar que, nas 3 reportagens utilizadas como *corpus* para esta pesquisa, pudemos levantar 50 expressões linguísticas que atualizam tanto metonímias e metáforas ao mesmo tempo, como também metáforas conceptuais ontológicas, estruturais e orientacionais.

Verificamos que metáfora e metonímia configuram-se, simultaneamente, pelo fato de nos dois casos utilizarmos uma entidade para conceituar outra, sendo que essa focaliza aspectos próprios da entidade referida, e aquela utiliza um termo para se referir a outro, em domínios conceptuais diferentes. Ainda comprovamos que as expressões linguísticas metafóricas e metonímicas são utilizadas com uma intencionalidade argumentativa.

Portanto, a partir das metáforas e metonímias PAÍS É UMA PESSOA- PAÍS PELAS PESSOAS e INSTITUIÇÃO SÃO PESSOAS-INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS, atualizadas através de expressões linguísticas presentes nos quadros 1 e 2, verifica-se que o autor da reportagem ou a própria revista não se compromete com o que está sendo informado, pois, apesar de o autor falar sobre o assunto, organização do evento Copa do Mundo, ele não deixa sua opinião explícita. O uso das metáforas conceptuais de personificação deixa revelar também que o autor das reportagens teve como intuito a aceitação das ideias apresentadas sobre o assunto Copa do Mundo 2014,

pelo público, aproximando-as através da atribuição de aspectos próprios do ser humano às informações veiculadas.

É possível, portanto, constatarmos que os textos jornalísticos possui uma ideologia, de modo que as metáforas são utilizadas com o objetivo de persuadir e argumentar sobre determinado posicionamento sobre a copa do mundo 2014; ainda verificamos que, apesar de a reportagem jornalística apresentar como característica a imparcialidade nos fatos, o uso de expressões metafóricas revelam a subjetividade dos autores das reportagens ou da própria revista.

Interessante notarmos também que devido ao fato do assunto Copa do Mundo 2014 está no auge das notícias, em decorrência de o Brasil, considerado o país do futebol, ter sido escolhido para sediar a copa do mundo 2014, todo mundo acaba utilizando metáforas para falar desse evento, seja para demonstrar orgulho e confiança, seja para criticar os atrasos e os altos gastos com Mundial. Sendo assim, em nossa análise verificamos como os autores das reportagens, as revistas selecionadas, o governo brasileiro, os dirigentes da Fifa, o povo, estão se posicionando diante do assunto.

Assim, a partir da presença dessas diferentes vozes no discurso jornalístico, podemos perceber que apenas a análise das unidades da língua não é suficiente para compreendermos o sentido de um texto, pois as palavras, os enunciados, o conteúdo ideológico estão sempre em relação dialógica com outros enunciados, com o contexto de produção.

Também é importante frisar que, neste trabalho, o mais importante não foi o assunto da Copa do mundo, pois sabemos que, após a realização do evento, os textos divulgados antes e durante o evento não vão ter mais validade informativa. O mais importante é a questão das metáforas, pois qualquer *corpus*, sobre qualquer tema poderia ser escolhido, tendo em vista a forte ubiquidade da metáfora no contexto da realidade social.

Por fim, enfatizamos que nossa análise não deve ser vista como algo pronto e acabado, mas sim tida como base para futuros trabalhos que podem vir a ser desenvolvidos sobre os usos dessas expressões semântico-discursivas. Também destacamos a vastidão de pesquisas que podem se concretizar nas mais diversas manifestações linguísticas, visto que tanto a metáfora quanto a metonímia são recursos que utilizamos diariamente em nossas interações, proporcionando-nos uma melhor compreensão sobre o mundo e sobre nossas próprias ações, sentimentos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORBOREMA FILHO, Edmilson de Albuquerque. *A metáfora na construção da percepção da realidade no discurso jornalístico*. Recife, 265 p. Tese (Doutorado em lingüística). Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

CANOLLA, Clemira. *As Metáforas da Produção*: reflexões sobre o discurso de operárias. D.E.L.T.A., Vol. 16, n. 1, p. 55-82, 2000.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A metáfora e seu contexto cultural. In: PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira e. *Metáforas do cotidiano*. Belo horizonte, Ed. Do Autor, 1998.

ÉPOCA, 2014. A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história? Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/01/copa-de-2014-e-mesmo-bmais-atrasada-da-historiab.html>> Acesso em: 17/01/2014.

ESPÍNDOLA, Lucienne. Expressões linguísticas metafóricas X Funções semântico-discursivas. In: _____. (org.). *Metáforas conceituais no discurso*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2011. p. 11-26.

FELTES, H.P.M. *Semântica cognitiva*: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRÃO, M. C. T. *Teoria da Metáfora Conceptual*: uma breve introdução. 2008. Disponível em: <<http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/metafora%20conceptual.pdf>> Acesso em: 20 de junho de 2014.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

ISTOÉ, 2013. Brasil conhece nesta sexta seus primeiros rivais na Copa. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/338165_BRASIL+CONHECE+NESTA+SEXTA+SEUS+PRIMEIROS+RIVAIIS+NA+COPA> Acesso em: 13/01/2014.

JUNIOR, C. F.; BASSO, R. *Semântica, semântica*: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A reportagem Jornalística no Jornal do Brasil*: desvendando as variantes do gênero. Tubarão, 141 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, (2002[1980]).

LIMA, Josilane Márcia Justiniano de. *Expressões linguísticas metonímicas e metafóricas na notícia policial: um recurso discursivo*. João Pessoa, p. 82. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2008.

MACEDO, A. C. P. S.; FARIAS, E. M. P.; LIMA, P. L. C. *Metáfora, Cognição e Leitura*. Gragoatá, Niterói: Eduff, n. 26, p. 1-240, 1º semestre de 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. *Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A linguagem como condição e solução*. In: D.E.L.T.A, v.10, n.2, São Paulo: PUC, 1994. p. 329-338.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *A pesquisa e a construção do conhecimento Científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. São Paulo: Rêspel, 2008.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

VEJA, 2014. Blatter: ‘Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais’. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-afirma-que-brasil-comecou-a-se-preparar-tarde-demais-para-a-copa>>. Acesso em: 15/01/2014.

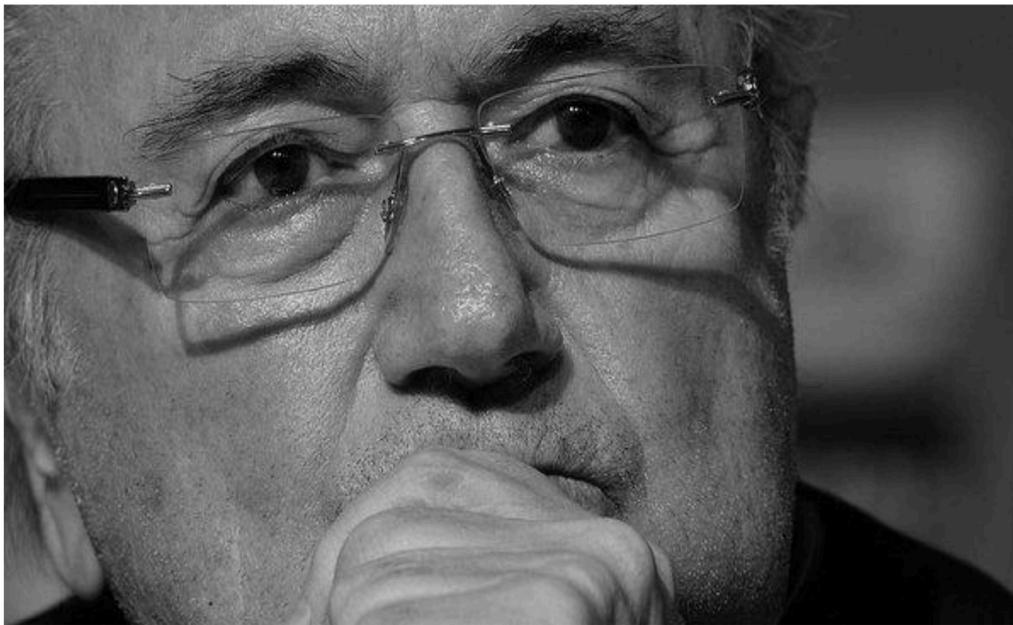
ZANOTTO, M. S. A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social da leitura. In: PAIVA, V. L. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: edição do autor, UFMG, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1

Blatter: 'Brasil começou a se preparar para a Copa tarde demais'

Presidente da Fifa diz não temer protestos durante a realização do Mundial, mas afirmou: Brasil é o país com mais atrasos desde que assumiu a entidade



O presidente da Fifa, Joseph Blatter (Nelson Almeida/AFP)

Fonte: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-afirma-que-brasil-comecou-a-se-preparar-tarde-demais-para-a-copa>> Publicado em: 05/01/2014

O presidente da Fifa, **Joseph Blatter**, afirmou em entrevista à imprensa suíça que o Brasil vem acumulando atrasos nas obras para a **Copa do Mundo de 2014** porque começou tarde demais a se preparar para o Mundial.

"O Brasil acabou de se dar conta que começou tarde demais. É o país com mais atrasos desde que estou na Fifa e foi o que teve mais tempo, sete anos, para se preparar", explicou o dirigente, em declarações publicadas neste fim de semana no jornal suíço *24 Horas*. O Brasil foi escolhido para ser sede da Copa das Confederações e da Copa do Mundo em 2007, sem votação direta, já que a Colômbia, outro candidato a sede, se retirou da disputa meses antes.

Neste início de janeiro, seis estádios que serão usados na Copa do Mundo ainda estão em obras: a Arena da Amazônia (Manaus), a Arena das Dunas (Natal), a Arena da

Baixada (Curitiba), a Arena Pantanal (Cuiabá), o Beira-Rio (Porto Alegre) e o Itaquerão (São Paulo). As obras nos seis estádios do Mundial que não foram usados na Copa das Confederações deveriam ser concluídas até o fim de 2013. Nenhuma será entregue no prazo que foi combinado com a Fifa.

O dirigente também falou sobre a possibilidade de ocorrerem manifestações no Brasil durante o Mundial e o risco delas atrapalharem o andamento da competição, mas afirmou não acreditar que os brasileiros "atacariam o futebol", um "esporte que amam".

"Não tenho medo. Sabemos que teremos manifestações, protestos. As últimas, durante a Copa das Confederações, nasceram nas redes sociais. Não tinham um objetivo concreto, nem uma reivindicação autêntica, mas durante o Mundial é possível que tenhamos algumas mais concretas, mais estruturadas", declarou. "O futebol estará protegido. Acredito que os brasileiros não atacariam ao futebol diretamente. Para eles, é uma religião", completou.

A Copa do Mundo de 2014 será disputada no Brasil entre os dias 12 de junho e 13 de julho. Durante a Copa das Confederações, em junho de 2013, o país se viu sacudido por uma onda de protestos que foram direcionados, entre outras causas, aos altos custos do organização do Mundial.

Governo - Já o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, que chegou a comparar o preocupante atraso nas obras da Copa ao de uma noiva no dia do casamento, voltou a minimizar a questão. De acordo com nota divulgada pela sua assessoria de comunicação social, o país estará pronto a tempo de receber com êxito a competição. "As informações que chegam ao Ministério do Esporte, enviadas pelas autoridades encarregadas de preparar as cidades-sede para a Copa do Mundo e aquelas apuradas pelo próprio ministro, que a cada três meses visita as obras, dão conta de que o país estará pronto a tempo", afirma o ministério.

O governo também citou a alta procura pelos ingressos da Copa do Mundo de 2014 para garantir que o país tem a confiança da comunidade internacional de que a competição será um êxito, "a melhor de todas". "A procura por ingressos para os jogos - a maior em todas as copas - mostra que torcedores do mundo inteiro confiam que a Copa de 2014 será a melhor de todas que já foram realizadas", finaliza o texto.

ANEXO 2

Brasil conhece nesta sexta seus primeiros rivais na Copa

Sorteio da Fifa acontece na Costa do Sauípe, na Bahia

AE



Fonte: <http://www.istoe.com.br/reportagens/338165_BRASIL+CONHECE+NESTA+SEXTA+SEUS+PRIMEIROS+RIVAIS+NA+COPA> Publicado em: 06/12/2013.

A seleção brasileira conhece nesta sexta-feira os seus três primeiros adversários na Copa do Mundo. A Fifa faz, a partir das 14 horas (de Brasília), o sorteio dos grupos em evento na Costa do Sauipe, litoral norte da Bahia. Por enquanto, sabe-se apenas que o Brasil, como país-sede do torneio, ocupará a posição 1 do Grupo A. Com as mudanças nas regras anunciadas na última terça, é possível a formação de um grupo da morte com três campeões mundiais. Essa combinação, inclusive, saiu no ensaio geral realizado na última quarta. Na simulação feita pela Fifa, o Grupo A era formado por Brasil, França, Austrália e Itália.

Esse cenário, no entanto, não agrada à Fifa. Para a entidade, o ideal é que todas oito seleções campeãs do mundo avancem às oitavas de final. A entidade, então, resolveu adotar uma nova regra para o sorteio a fim de proteger a França. Em outubro, mês utilizado como referência para a Fifa para definir os parâmetros do sorteio, os campeões do mundo de 1998 eram a pior seleção europeia do ranking da entidade, apenas no 21.º lugar.

Como o continente possui nove times no Mundial além dos cabeças de chave, a tendência era que a pior equipe, no caso a França, fosse deslocada para o Pote 2 com os representantes da África, mais Chile e Equador. A Fifa, no entanto, preferiu adotar uma maneira de tentar preservar os franceses. "Surgiram algumas ideias e elas chegaram a sair em alguns jornais. Uma delas era colocar a seleção de mais baixo ranking no Pote 2, a outra realocar automaticamente uma seleção e a outra era o sorteio, que foi a adotada. Assim, o sorteio começará exatamente tirando uma seleção do Pote 4 para o Pote 2", disse nesta quinta-feira o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke.

A opção, no entanto, não evita que a França vá para o Pote 2, só a coloca nas mesmas condições de outras 8 seleções europeias melhor posicionadas na ranking. Para evitar que essa equipe fique no grupo de um cabeça de chave europeu, a Fifa criou o Pote X. Nele serão colocados Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai para ser escolhido o país que automaticamente receberá em sua chave a seleção europeia proveniente do Pote 2.

Estrelas

O sorteio será comandado por Valcke, que contará com a ajuda de oito ex-jogadores representando cada país campeão do mundo: Cafu (Brasil), Hierro (Espanha), Zinedine Zidane (França), Cannavaro (Itália), Lothar Matthäus (Alemanha), Ghiggia (Uruguai), Geoff Hurst (Inglaterra) e Mario Kempes (Argentina). Eles participaram de um longo treino durante a semana, para que se familiarizassem com o sistema do sorteio. A intenção da Fifa é evitar algum contratempo em um evento que será transmitido para 193 países.

Os dirigentes da entidade ainda não esqueceram do incidente proporcionado pelo chef Alex Atala um ano atrás, durante o sorteio da Copa das Confederações, que teve como consequência alteração de posicionamento das equipes e prejuízo para

Belo Horizonte. A cidade deixou de receber seleções fortes na primeira fase. Pelé foi chamado para ajudar a retirar as bolinhas dos potes, mas abriu mão do convite. Mesmo assim, o Rei de Futebol terá papel de destaque na cerimônia de acordo com a organização.

A reportagem apurou que o ex-jogador Bebeto, membro do COL (Comitê Organizador Local), também vai ser chamado ao palco. Ele deve contracenar com Fuleco, mascote do Mundial, e repetir com o boneco a comemoração que fez na vitória sobre a Holanda na Copa de 1994, quando simulou embalar o recém-nascido filho Matheus, hoje jogador do Flamengo.

Shows

O sorteio dos grupos é o maior evento pré-Copa e terá 90 minutos. A audiência estimada do evento é de 500 milhões de pessoas. Assim, a Fifa transformou a cerimônia em um grande show para mostrar a diversidade cultural do Brasil ao mundo. A apresentação ficará por conta do casal Rodrigo Hilbert e Fernanda Lima. As apresentações musicais começarão com Alcione e Emicida cantando Brasil Pandeiro, de Assis Valente. Depois, Vanessa da Mata e Alexandre Pires interpretam 1 a 0, de Pixinguinha. Em seguida, a coreógrafa Deborah Colker se apresenta. O encerramento do show será feito por Margareth Menezes e Olodum, com We are Carnaval.

ANEXO 3

A Copa de 2014 é mesmo a mais atrasada da história?

Em entrevista a um jornal suíço, o presidente da Fifa disse que o Brasil é o país mais atrasado, mesmo sendo o que mais teve tempo para se preparar

REDAÇÃO ÉPOCA

06/01/2014 17h05 - Atualizado em 06/01/2014 18h16

 Kindle



O presidente da Fifa, Joseph Blatter. "O Brasil começou tarde demais. É o país mais atrasado desde que eu estou à frente da Fifa", disse. (Foto: Matthias Schrader/AP)

Fonte: <<http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/01/copa-de-2014-e-mesmo-bmais-atrasada-da-historiab.html>> Publicado em: 06/01/2014

As trocas de farpas entre a Fifa e autoridades brasileiras já estão se tornando comuns na organização da Copa do Mundo de 2014. Na mais famosa delas, o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, disse que o **Brasil merecia um "chute no traseiro"** para fazer com que as obras avançassem. Nesta semana, foi a vez do presidente da Fifa, Joseph Blatter, criticar a organização brasileira. Em entrevista ao jornal suíço *24 Heures*, Blatter voltou a criticar os atrasos e a demora na organização da Copa do Mundo.

Ao ser questionado se o Brasil estava ciente do desafio que é organizar uma Copa do Mundo, ele disse que, no começo, não, e que só muito recentemente o país acordou para a organização da Copa. E voltou a alfinetar a forma como o Brasil conduz os preparativos. "O Brasil começou tarde demais. É o país mais atrasado desde que eu estou na Fifa, e ainda por cima é o que teve mais tempo para se preparar - sete anos", disse Blatter. O dirigente está na entidade há quase 40 anos.

O governo brasileiro reagiu às declarações, como era de se esperar. Em nota, o Ministério do Esporte contrariou a tese de que o Brasil começou tarde com os preparativos. "O Brasil trabalha na preparação do Mundial desde que foi escolhido para sediar o torneio". Em sua conta no Twitter, a presidente Dilma Rousseff também se manifestou, mas não falou especificamente sobre os atrasos. "A procura por ingressos para os jogos - a maior em todas as Copas - mostra que torcedores do mundo inteiro confiam no Brasil", disse. "Amamos o futebol e por isso recebemos esta Copa com orgulho e faremos dela a Copa das Copas".

Mas o presidente da Fifa está certo ao dizer que o Brasil é o país mais atrasado desde 1975, quando ele entrou na federação? Ou pelo menos desde que começou a organizar o torneio? Blatter foi eleito em 1998, às vésperas da Copa da França. No comando da entidade máxima do futebol, ele passou pela organização de quatro Copas do Mundo. A última, a da África do Sul, não foi exatamente um exemplo de pontualidade. Os sul-africanos só concluíram as obras dias antes do início dos jogos.

Em julho de 2009, um ano antes do início da Copa na África do Sul, uma grande greve de trabalhadores atrasou a entrega de alguns dos dez estádios da Copa do 2010. Depois, houve problemas com gramados: as autoridades africanas demoraram muito para conseguir deixar os gramados dos estádios prontos para partidas internacionais. Por fim, as obras foram entregues no último minuto. O Soccer City, estádio da abertura e da final da Copa, só foi oficialmente inaugurado em maio de 2010, com menos de 20 dias antes do início dos jogos.

Se as autoridades brasileiras cumprirem os cronogramas prometidos, os estádios brasileiros devem ficar prontos com um pouco mais de antecedência. Seis sedes já estão

prontas e passaram por testes na Copa das Confederações e no Campeonato Brasileiro. Das seis que faltam, Manaus, Natal e Porto Alegre prometem entregar os estádios agora em janeiro. Cuiabá, em fevereiro. E Curitiba em março. A situação mais complicada é do Itaquerão, por conta do acidente com um guindaste. Segundo a prefeitura de São Paulo, a inauguração será em uma partida do Corinthians em meados de abril.

Ou seja, se todos os prazos forem cumpridos, o Brasil pode entregar a Copa com atraso menor do que a da Copa de 2010. Mas isso não isenta as autoridades brasileiras pelos problemas já ocorridos. Os seis estádios ainda não entregues deveriam ter ficado prontos em dezembro de 2013, e o Tribunal de Contas da União (TCU) alertava para atrasos (e aumento dos custos) desde o início das obras. Projetos de infraestrutura, especialmente de mobilidade urbana, podem ficar prontos só depois da Copa. A Lei Geral da Copa, que regula os preparativos do evento, ficou anos parada no Congresso. E atitudes como a do ministro do Esporte, Aldo Rebelo, que comparou a demora na entrega das obras com o atraso de uma noiva antes do casamento, também não ajudam a deixar o país pronto para o maior evento de futebol do mundo a tempo.

bc